



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA – DCET - I
CURSO DE URBANISMO

TAMILLES AQUINO BRITO MELO

A DINÂMICA URBANA NA CIDADE DE CONCEIÇÃO DO ALMEIDA - BA

SALVADOR
2012

TAMILLES AQUINO BRITO MELO

A DINÂMICA URBANA NA CIDADE DE CONCEIÇÃO DO ALMEIDA - BA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Urbanismo da disciplina Seminário Monográfico vinculado à Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Orientador: Prof. Dr. Charles d'Almeida Santana.

Salvador
2012

TAMILLES AQUINO BRITO MELO

A dinâmica urbana na cidade de Conceição do Almeida- BA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina Seminário Monográfico, como requisito à obtenção do grau de Bacharel em Urbanismo.

Aprovado em 18 de dezembro de 2012

Charles d'Almeida Santana
Pos- Doutor em História e cidade- Unicamp
Docente da Universidade do Estado da Bahia - Campus I

Virginia Queiroz Barreto
Mestre em História Social
Docente da Universidade Salvador

Wellington Castellucci Junior
Doutor em História Social
Docente da Universidade Federal do Recôncavo

Dedico à todos os almeidenses que contribuíram para as transformações desta cidade, e conseqüentemente, deste trabalho, em especial minha família e meus amigos conterrâneos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar à Deus, por ser presente em minha vida, e por interceder conspirando em meu favor quando eu já não acreditava.

Ao orientador, Charles, por ceder um pouco do seu tempo acreditando e dedicando-se a me guiar pelos caminhos da investigação histórica como um verdadeiro mestre.

A minha família, meus pais: Pedro e Diva, pelo dom da vida, amor e dedicação, pelos valores passados, pelo esforço para proporcionar uma educação de qualidade aos filhos; Aos meus irmãos: Bruno e Natália que muitas vezes tiveram que abrir mão de suas próprias vontades para que eu pudesse realizar as minhas; Às mulheres da minha vida: Vó Elita, a mulher que me ensinou o que não está em nenhum livro mesmo sem o dom da escrita, Tia Juanice, pela presença incondicional, como uma mãe; Tia Eunice, pelo exemplo de superação e persistência; Karina, prima sempre presente em grande parte de minha vida.

Aos meus amigos e almeidenses de longas datas: Junior, Nicolas, Samires, pelo incentivo, companheirismo, e que entenderam minhas muitas ausências.

Ao meu namorado Victor, pelo amor, apoio, compreensão e paciência nos momentos de ausência, além do apoio nas fotografias deste trabalho.

Aos colegas de curso, que se tornaram ao longo dessa caminhada, grandes amigos tornando-a menos pesada ao compartilharem seus momentos: Diana, Elaine, Eron, Gabriel e Mila. Em especial, à Stephani, que ao longo desses anos de curso mostrou-se uma amiga inestimável, e que cedeu gentilmente seu tempo para correção deste trabalho fazendo contribuições e comentários sempre pertinentes.

Aos professores do curso, não caberia aqui citar a todos por receio de esquecer algum, mas em especial à Mirian, que deu sinceras e valiosas contribuições para este trabalho desde o projeto. Além dos funcionários do Colegiado de Urbanismo, Edmilson e Emília sempre prestativos

A todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a concretização dessa etapa.

“Entendi que a história dos municípios, e principalmente dos mais modestos, é assunto que não empolga a muitos, contudo entendo que o amor pela Pátria é mais legítimo quando se ama a Terra, na qual despertamos para a vida” (CALDAS, 1974)

RESUMO

Este estudo objetivou a análise das transformações urbanas que ocorreram na cidade de Conceição do Almeida no período de 1950 a início de 1970, momento marcado pela prosperidade econômica e logo após início da decadência. A pesquisa baseou-se em pesquisas à textos acadêmicos, obras memorialistas, documentos de caráter estatístico, iconografia, entrevistas e visita à campo, além de bibliografia de diversas áreas e temas afins. Dessa forma, é possível notar que a economia voltada à agricultura, principalmente o fumo, foram decisivas para as relações de trabalho, da vida cidadina e da paisagem urbana.

Palavras- chave: Conceição do Almeida. Dinâmica. Fumo. Recôncavo baiano. Paisagem urbana.

ABSTRACT

This study had aimed to analyze the urban transformations that was occurred in Conceição do Almeida city during the period from 1950 to the beginning 1970, a period marked by economic prosperity and soon after onset of decay. The research was based on surveys of academic texts, memories works, documents of statistical nature, iconography, interviews and visits to the field, and several areas of literature and related topics. That way, it is possible to see that the economy focused on agriculture, primarily tobacco, were instrumental in working relationships, city life and urban landscape.

Keywords: Conceição do Almeida. Dynamics. Smoke. Reconcavo Baiano. Urban landscape.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1– Igreja Matriz ao centro	25
Imagem 2– Comemoração dia da Bandeira	26
Imagem 3 – Igreja Santana do Rio da Dona	27
Imagem 4 – Casa 1905 e outras residências do “centro antigo”	36
Imagem 5 – Prefeitura e residências do “centro”	37
Imagem 6 – CNEC e outras residências da “Brasília”	37
Imagem 7 – Centro cultural e outras residências da “Fonseca”	38
Imagem 8 – Surgimento de novos bairros expansão	39
Imagem 9 – Armazéns de fumo	44

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Manchas urbanas em Conceição do Almeida	35
Figura 2 – Planta baixa Armazém do fumo	45
Figura 3 – Distribuição espacial dos armazéns de fumo	46
Figura 4 – Sistema rodoviário do Recôncavo	50
Figura 5 – Rede urbana do Recôncavo baiano	51
Figura 6 – Malha rodoviária de Conceição do Almeida	57
Figura 7 – Território de Identidade Recôncavo Sul	58
Figura 8 – Esboço das relações de Conceição do Almeida e demais cidades	58

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	DINÂMICA SOCIOECONÔMICA	20
2.1	Dos grandes ciclos econômicos à agricultura familiar	20
2.2	Aspectos culturais: da religiosidade aos festejos e religião	25
2.3	A feira livre: importância dos feirantes na paisagem urbana.....	30
3	DINÂMICA SÓCIO-ESPACIAL	34
3.1	Paisagem urbana	34
3.2	Características populacionais	41
3.3	Armazéns do Fumo e sua influência na configuração urbana.....	45
4	REDE DE CIDADES	51
4.1	Rede urbana do Recôncavo baiano: algumas considerações.....	52
4.2	Das trilhas de terra e trilhos de ferro às estradas de rodagem.....	54
4.2	Conceição do Almeida no cenário do Recôncavo Sul.....	59
5	CONCLUSÃO	63
	FONTES ELETRÔNICAS	64
	FONTES ORAIS	65
	REFERÊNCIAS	66

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa resulta em um projeto monográfico que se alicerça com o intuito de analisar a dinâmica urbana de Conceição do Almeida, emancipada há 122 anos pela Lei de Criação de 18/07/1890, possui uma história cultural e urbana rica, principalmente quando viveu períodos áureos devido à cultura e o beneficiamento do fumo e do café, cujo auge foi nas décadas de 1950 a 1970, quando houve um importante destaque para o desenvolvimento econômico da região do Recôncavo baiano. Esses fatores contribuíram para as transformações urbanas que repercutem até o dado momento.

Diante disso, o objetivo geral é analisar as transformações urbanas ocorridas entre 1950 e 1970 nessa cidade, seguido pelos seguintes específicos: a contextualização da cidade com a Rede Urbana do Recôncavo, as interações entre o desenvolvimento econômico e social, assim como, a relação sócio-espacial e suas impressões ao longo dos anos.

Para a concretização desses objetivos foi necessário uma abordagem das principais categorias conceituais de Lobato Corrêa¹ sobre a Rede Urbana que contempla elementos como, a importância das feiras livres; de Maria Spósito² com estudos sobre dinâmica sócio-espacial. No cômputo de textos teóricos revisitados para esta pesquisa, destacam-se os estudos de Milton Santos³ sobre a Rede Urbana do Recôncavo Baiano.

É possível apropriar-se da dinâmica enquanto, terminologia da física, que estuda os movimentos e as causas que produzem ou os modificam. Tratando a evolução de fatores no tempo e as suas consequências que provocam alterações no estado físico. O termo socioeconômico é definido pelo dicionário de Língua Portuguesa Priberam *online*⁴ como os elementos ou problemas sociais em relação

¹ CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1994.

² SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. **O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo**. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

³ SANTOS, Milton. **A rede urbana do Recôncavo**. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia; sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998, p. 59-100. Texto original de 1959.

⁴ Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=din%E2mica>. Acessado em: 06/12/2012.

aos elementos ou problemas econômicos. Logo, a dinâmica socioeconômica equivale a relação existente entre os elementos e/ou problemas econômicos e sociais, de modo que, essa interação resulte em uma nova situação.

Em uma cidade, principalmente de pequeno porte, onde a principal fonte de renda é proveniente de atividades agrícolas, sejam elas de grande ou pequena produção, necessitam de pontos de distribuição em outras localidades, pois não existe demanda para comportar toda produção. Com isso, há uma necessidade de especialização, de atualização quanto aos procedimentos, como o caso da fumicultura em Conceição do Almeida que, no período de estudo, investiu ainda que em pequena escala no beneficiamento do produto para que tivesse maior aceitação.

Para Corrêa (1994) para que a circulação seja efetiva é importante que haja uma disposição de vários pontos de distribuição no território. Esses pontos são denominados por ele, de centros urbanos⁵, com prestação de serviços cada vez maiores e mais complexos para suprir à demanda. Essas atividades são vistas pelo autor como “capitalistas”, onde em especial as indústrias, dispõem da força de trabalho dos trabalhadores, que constituem a massa de onde será extraído o valor excedente, fonte de acumulação de capital. Sendo assim, esse sistema contribui para o êxodo rural composta por uma parte da população rural, formada em sua maioria por pequenos proprietários, rendeiros, meeiros, moradores de menor condição e assalariados.

Nessa perspectiva, as feiras livres assumem em partes o papel de elemento fixo para essa circulação, e em cidades onde o núcleo urbano é pequeno, como a cidade pesquisada. O que em um primeiro momento tem o objetivo principal realizar trocas comerciais de compra, venda e troca, guardam um significado maior, onde a rua é principal palco das relações citadinas.

Nos dias de mercado o pequeno núcleo transforma-se em um centro de mercado. Vendedores dos mais variados produtos, artesãos e prestadores de diversos serviços amanhecem no centro com as suas mercadorias e instrumentos de trabalho. São provenientes de outro

⁵ Neles verificam-se o processo de tomada de decisão, a concentração, beneficiamento armazenamento, transformação industrial, vendas e no atacado e varejo, a prestação de uma gama cada vez maior e mais complexa de serviços ligados a reprodução social, e parcela ponderável do consumo final. Estes centros urbanos apropriam-se do valor excedente que circula e criam novos valores. (CORRÊA, 1994, p. 52).

pequeno núcleo onde no dia anterior atuaram em seus ofícios, ou de um centro maior onde vendem e exercem quase permanentemente a mesma atividade. Alguns vieram da zona rural onde dedicam-se às atividades primárias: vieram vender sua produção e comprar alguns bens que não produzem. Utilizando tropas de burros, a cavalo, em carroças, em caminhões e utilitários, em embarcações e mesmo a pé, vendedores e compradores, dirigem-se ao núcleo em seus dias de mercado. Estes são ainda os dias em que as pessoas se encontram, sabem das novidades e vários eventos sociais, culturais e políticos se realizam. (CORRÊA, 1994, p.36)

Podemos observar na descrição acima que nos dias “de feira” ou “de mercado”, há uma movimentação acima do normal na cidade, agregando o rural e urbano, vendedores da cidade ou de “fora”, feirante e freguês. Essa combinação torna a feira um ambiente inigualável e com características próprias. Dessa forma, a feira-livre torna-se um local de socialização, de expressão da divisão do trabalho, das inter-relações entre cidades vizinhas, situação essa transcrita abaixo:

Os mercados periódicos representam uma forma de sincronização espaço-temporal das atividades humanas, isto é, os dias de funcionamento de cada mercado acham-se articulados aos dos demais numa lógica de tempo e espaço, envolvendo o deslocamento periódico e sincronizado dos participantes de um dado mercado. Em outros termos, os comerciantes e prestadores de serviços reúnem-se a cada dia em um determinado núcleo: para aí converge a clientela de uma área próxima ao núcleo. (CORRÊA, 1994, p.36)

Retomando o conceito de dinâmica, e aliando-o ao espaço físico tem-se uma breve conceituação de uma dinâmica sócio-espacial entendido como as inter-relações entre o espaço, enquanto meio físico, e como as relações sociais que repercutem nele. Corrêa (1994, p. 53) faz uma breve relação com o capitalismo onde “as relações econômicas e sociais são ampliadas, passando a se realizar em amplos territórios que, de modos diversos, são incorporados ao sistema capitalista”. Ainda de acordo com o autor, cada cidade tem suas causas específicas a depender do momento vivenciado e dos agentes sociais. E uma estrita relação entre a agricultura tradicional e o êxodo rural pode ser constatada no escrito abaixo

[...] barateando o custo da força de trabalho, iniciam o primeiro ciclo de exploração da cidade sobre o campo e os centros menores. Simultaneamente estão sendo criadas as condições para a existência de um mercado industrial: os camponeses que permaneceram no campo tornaram-se consumidores de produtos da indústria. (CORRÊA, 1994 p. 57)

Existem três vias de abordagem sobre a rede urbana, conceituadas por Corrêa (1994) como: a funcional, a estatística e a do desenvolvimento. A primeira refere-se às classificações funcionais, onde a função exercida pela cidade reflete na diferença espacial. A segunda “as dimensões básicas de variação” que leva em conta além da funcionalidade da cidade outros parâmetros sociais, econômicos ou políticos. A terceira o tamanho da cidade aparece como a expressão do desenvolvimento que possui. Sendo assim, essa vertente a que estuda de uma forma geral a rede urbana como um todo e não apenas numa cidade isolada.

No Brasil os estudos sobre rede urbana só tiveram maiores destaques a partir dos anos de 1950 quando se proliferaram estudos a respeito. Na tentativa de compreensão da natureza da rede urbana de um ângulo específico originou-se o conceito de hierarquia urbana⁶. Muitos foram os teóricos que se apropriaram e dedicaram-se sobre tal tema, mas aqui o destaque é para as proposições de Christaller citado por Corrêa (1994, p. 21, 28)

Existem princípios gerais que regulam o número, tamanho e distribuição dos núcleos de povoamento: grandes, médias e pequenas cidades, e ainda minúsculos núcleos semi-rurais, todos são considerados como localidades centrais. Todas são dotadas de funções centrais, isto é, atividades de distribuição de bens e serviços para uma população externa, residente na região complementar (hinterlândia, área de mercado, região de influencia), em relação à qual a localidade central tem uma posição central. A centralidade de um núcleo, por outro lado, refere-se ao seu grau de importância a partir de suas funções centrais: maior o número delas, maior a sua região de influencia, maior a população externa atendida pela localidade central, e maior a sua centralidade.

⁶ A hierarquia das localidades centrais expressa um padrão hierárquico sistemático e acumulativo de funções centrais: à medida que se eleva o nível de hierarquia verifica-se um acúmulo, em cada nível, das funções centrais dos níveis inferiores mais algumas que definem o nível hierárquico em consideração. (Corrêa, 1994, p. 28).

Estudar a cidade enquanto parcela de uma região da qual faz parte constitutiva, seja por questões econômicas, sociais ou históricas, deriva em diversas e possíveis combinações e especificidades, como nos traz Corrêa (1994), que a cidade é o reflexo da sua região, ou então, esta é o resultado de uma ação motora por parte da cidade. Dessa forma, a partir das inter-relações pode-se identificar a forma espacial que o conjunto dessas cidades por região, formam enquanto rede, no caso da cidade em estudo, a forma espacial seria a dendrítica⁷ que é a mais simples das redes urbanas. Caracterizada segundo Jonhoson citado por Corrêa (1994) nessa rede a cidade de maior representatividade localiza-se próximo ao mar, sendo o ponto de partida para distribuição para as demais, transcrito nos trechos a seguir, em um primeiro momento pela sua origem colonial, ou seja, Cachoeira assumia esse papel de maior representatividade no recôncavo principalmente por fazer ligação com Salvador através das águas.

De acordo com Spósito (2004, p. 60) existe uma sutil diferença entre o desenvolvimento urbano e o crescimento urbano, enquanto o primeiro o “pode ser pensado sob muitas perspectivas, como a econômica, a social, a política ou a cultural”; o segundo por sua vez, “analisa-se do ponto de vista econômico, mas também demográfico, espacial ou territorial”. Na construção do entendimento de produção do espaço urbano há que se considerar todas essas partes, fazendo um esforço para não dissociá-las, para que privilegie essa “dimensão das dinâmicas urbanas”. Essa apropriação e também produção do espaço

geram múltiplas formas de territórios e territorialidades, porque essas relações não são homogêneas nem no espaço nem no tempo. Historicamente, diferentes formações sociais ocuparam diferentes parcelas do espaço geográfico em diferentes tempos, constituindo, por meio desse movimento, seus territórios. O espaço geográfico é, então, expressão das formas como esses diferentes tempos nele se acumulam, por meio de estruturas espaciais e paisagens que permanecem e/ou se transformam e/ou desaparecem. (SPÓSITO, p. 24, 61).

⁷ Caracteriza-se pelo excessivo número de pequenos centros, pequenos pontos de venda indiferenciados entre si no que se refere ao comércio varejista. Resulta esta característica do baixo nível de demanda da população e de sua limitada mobilidade espacial, advinda em parte da precariedade das vias e meios de transporte (Corrêa, 1994, p. 71).

A metodologia utilizada será a pesquisa exploratória de caráter qualitativa com o objetivo de tentar apreender os fatores econômicos e sociais refletidos no espaço físico, sucinta a percepção das ações e inter-relações necessárias.

Para a realização dessa análise, utilizou-se de algumas técnicas metodológicas a fim de que o estudo seja feito da forma clara, coerente e objetiva: A pesquisa de textos acadêmicos: feita através da leitura de livros, artigos, monografias, teses, dissertações de autores com temas semelhantes, ou correlacionados, além de acesso direto ou disponíveis nas plataformas de caráter acadêmico (CAPES, Scielo, etc.); iconografia: através do estudo de monumentos, fotografias, “edificações” e aerofotos, com a finalidade de correlacionar espacialmente às transformações ocorridas no núcleo urbano; cartografia: assim como a iconografia, através do estudo de fotos aéreas e mapas para fazer a localização dos principais pontos e transformações; pesquisa de campo: de caráter exploratório, a fim de levantar e sistematizar as informações encontradas, assim como a elaboração de entrevistas e fotografias; entrevistas pontuais com quatro então moradores no período de estudo com o objetivo de coletar informações, foram eles, a professora Maria Santiago e Seu marido Edir um taxista, uma dona de casa Dona Marta, e um comerciante Pedro Maia, os três primeiros hoje aposentados, aproveito para agradecer o compartilhamento de suas histórias de vida.

Para a construção das pirâmides etárias, mapas, tabelas, dados históricos, econômicos e populacionais, essas informações foram buscadas através dos dados secundários. Esses, provenientes dos principais acervos sobre os temas: desenvolvimento socioeconômico, sócio-espacial, rede urbana, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI.

No que consiste a escolha do espaço-tempo justifica-se por se tratar de uma cidade interiorana do Recôncavo baiano, onde morei até o ano de 2009. É a cidade, enquanto núcleo urbano, que se desenrolara o enfoque do estudo, o que não impede de vez ou outra uma aproximação com o meio rural, tendo em vista que no período verificou-se uma fase de prosperidade da economia, assim como, o início do êxodo rural e a abertura do mercado de trabalho “além” campo.

No processo de amadurecimento do tema que seria escolhido, a primeira ideia seria abordagem de “cidades mortas”, àquelas cidades com decréscimo populacional. No entanto, com o aprofundamento dos estudos, e em conversas com

professores, e principalmente, a percepção de que toda cidade possui suas peculiaridades resultantes dos processos históricos, percebi que esse termo seria muito “pesado” para representar uma cidade que não acompanhou o ritmo das vizinhas, mas que, possui uma dinâmica própria.

Creio que a principal contribuição deste estudo é elaborar um material sobre as transformações urbanas ocorridas na cidade, e ao final deixar à disposição do Poder Público, e principalmente, ao povo almeidense, como uma contribuição pessoal à cidade a qual tanto me orgulho de ter nascido. Do ponto de vista acadêmico, espera-se traçar contribuições ao campo do urbanismo, com mais um estudo de seu caráter multidisciplinar, abordando questões econômicas, demográficas, históricas, sociais condicionadores no contexto urbano, buscando conhecer a história da cidade e os seus processos de transformações ocorridos no tempo e no espaço.

A motivação principal da escolha deste tema deve-se pelo sentimento de pertencimento que tenho à terra a qual vivi. Sendo assim, expresso aqui a minha particular curiosidade e tentativa de resgatar um momento de destaque, e posteriormente, o início da crise que desacelerou a economia. E Hoje, como futura urbanista, após alguns anos de estudo e ainda incipiente conhecimento acerca das cidades, procuro analisar de forma acadêmica o processo de transformação urbana no período já exposto. Além disso, incentivar àqueles que queiram estudar a fundo sobre a cidade, ou ainda abordar o mesmo tema com perspectivas em outras cidades.

Este trabalho divide-se em 5 seções. A seção 1 está composta por esta introdução que contém as considerações iniciais apresentando o objeto de estudo, a metodologia utilizada, o embasamento teórico, e outras questões pontuais pertinentes ao trabalho; a seção 2 aborda a “dinâmica socioeconômica” da intrínseca relação entre o desenvolvimento econômico local e as repercussões na vida social, através da abordagem das atividades agrícolas, além de alguns aspectos culturais e a importância da feira livre como uma síntese desses dois; a seção 3 aborda a “dinâmica sócio-espacial” através da relação entre o espaço físico da cidade e os aspectos sociais através da análise da paisagem urbana, do levantamento de questões demográficas, assim como, dos “armazéns de fumo” símbolos da prosperidade econômicos na cidade; na seção 4, Conceição do Almeida é contextualizada na Rede Urbana do Recôncavo, avaliando sua relação com as

idades mais próximas e com o sistema viário; seção 5, para consolidar o estudo registram-se algumas reflexões e considerações finais como forma de conclusão.

2 DINÂMICA SÓCIOECONÔMICA

As atividades econômicas de uma cidade estão relacionadas às questões sociais da mesma e essas relações trazem consequências para toda população. É importante salientar que os efeitos podem ser desastrosos principalmente à população com menor renda que em sua maioria representa a maior parcela da população de uma cidade. Nessa seção será analisado o caso de Conceição do Almeida e uma correlação entre o comportamento da produção dos principais cultivos até o beneficiamento assim como o cotidiano dos “almeidenses” no período entre 1950 até início dos anos de 1970, marcado pelo crescimento econômico seguido do enfraquecimento e decadência da economia local. Quando alguns produtos agrícolas – como o café e fumo que depois de uma expressiva contribuição para o desenvolvimento tanto econômico como social da cidade, apresentou uma considerável desaceleração colaborando para uma nova dinâmica socioeconômica.

2.1 Dos grandes ciclos econômicos à agricultura familiar

Embora Conceição do Almeida não estivesse localizada na “zona açucareira” do Recôncavo, existia, ainda que em pequena quantidade, o cultivo da cana-de-açúcar e o seu beneficiamento. Segundo Brito (2008) por volta dos anos de 1950, existiam três engenhos de açúcar que ocupavam aproximadamente 50 hectares das terras do Município. Estes engenhos se diferenciavam da usina devido sua baixa capacidade produtiva, pouco emprego da mão-de-obra e o beneficiamento, como assinala o autor:

No Recôncavo Baiano, os 233 engenhos que apareceram na periferia da área *core* da cana-de-açúcar, em 1950, não eram significativos em termos de produção açucareira, pois se trata tão somente de pequenos engenhos operados da produção de pequenos excedentes. (BRITO, 2008, p. 43)

Esses engenhos tinham a capacidade produtiva limitada a autossuficiência, estavam muito aquém das usinas que possuíam os meios técnicos favoráveis à produção em larga escala. Os derivados da cana-de-açúcar geralmente eram: aguardente, rapadura e o açúcar mascavo, cujos excedentes eram vendidos em feiras livres locais.

Na segunda metade do século XIX, entre os anos de 1868 a 1886, quando de acordo com Souza (1973), os imigrantes italianos oriundos da região da Sardenha fixaram residência na cidade, mais precisamente na Mombaça⁸ e, dentre muitos cultivos, trouxeram a cultura do café. Nas fazendas cultivadas pelos italianos, não houve aceitação do sistema agrário escravista ainda vigente no país, pois preferiram cultivar eles próprios o grão de café que era vendido para as cidades vizinhas, como Maragogipe e São Felipe para que fosse revendido à São Paulo e então exportado.

O declínio do ciclo do café no país também repercutiu na localidade, como bem relata o casal Seu Edir e Dona Maria Santiago⁹ “o Governo [...] fez uma proposta que forneceu dinheiro *pro* povo arrancar o café e plantar o capim sem custo de nada, eles recebiam o dinheiro e não pagavam nada *pra* retirar o café e criar gado, a produção do café por volta de 60 decaiu”. Como a colheita do café se tornara inviável, os cafezeiros foram então substituídos pelo plantio de capim, pela produção de grandes pastagens destinadas a criação de gado.

Embora tenha tido uma importante produção de café a cidade em estudo está localizada na “*zona fumageira*”, isso devido a grande representatividade do produto, o fumo, na economia local e da Bahia. Caldas (1974) relata que o fumo já era cultivado pelos colonizadores no recôncavo baiano no século XVI, nos anos de 1555. Porém, foi por volta do século XVIII que foram intensificadas o cultivo do mesmo, este chegou a ocupar o primeiro lugar no comércio de exportação da Bahia, substituindo, inclusive, o açúcar.

A fumicultura surgiu como complementação da economia do açúcar servindo, também, como produto de troca no tráfico de escravos. A distribuição espacial do cultivo do fumo no recôncavo até a primeira metade do século XX estava nas cidades de Santo Antônio de Jesus, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, São Felipe, Maragogipe, São Felix, Cachoeira, Conceição de Feira e Conceição de Jacuípe. Conhecidas como áreas periféricas, pois não faziam parte da zona

⁸ Antigo povoado da zona rural, hoje um pequeno vilarejo pertencente ao primeiro distrito.

⁹ Entrevista cedida por Maria Santiago Reis e Edivaldo Santos Reis, 55 minutos, 01/10/2012

açucareira, essa cultura não se utilizou de grande concentração de terras. Brito (2008) ressalta essa peculiaridade, através dos dados de que no ano de 1950 encontrava-se na 5ª posição dos maiores produtores de fumo da Bahia, com cerca 12% de concentração de terras.

Em Conceição do Almeida essa atividade teve um lugar de destaque devido as melhores procedências do fumo “Brasil-Bahia”, decorrente das melhores condições de cultivo. A cultura do fumo na cidade já era datada do ano de 1868 quando José Leandro Gesteira registrou uma marca comercial, e anos depois, em 1874, foi a vez de Clementino Correia Caldas registrar a sua marca a ser comercializada.

Esse cultivo conhecido como “lavoura de pobre” sempre apresentou pouco prestígio cultural e social, pois era cultivado por pequenos agricultores. Ocupando a maior parte do tempo dos lavradores que simultaneamente praticavam outras atividades agrícolas com menor intensidade. No entanto, com a crise do fumo esses outros cultivos foram intensificados passando a abastecer o mercado de Salvador e o local e regional.

Os agricultores possuíam vínculos financeiros com os “armazéns de fumo”, local destinado ao beneficiamento, devido, por exemplo, aos empréstimos para a compra adubos. Brito (2008) afirma que a mão-de-obra era assalariada, mas logo surgiram outros tipos de vínculos empregatícios, como os “rendeiros” - o trabalhador recebia a terra do fazendeiro para cultivo mediante a devolução de metade da produção. Já durante o beneficiamento nos armazéns localizados na sede, a mão-de-obra era em sua grande maioria feminina; uma série de questões que vão desde a falta de legislação específica até a omissão quase total do Estado foram fatores que influenciaram para que essas trabalhadoras sofressem todo tipo abusos.

Dessa forma, o cultivo se mostrava, mesmo com receita satisfatória para o Estado, um custo muito elevado para os trabalhadores tanto financeiros quanto sociais. A relação fazendeiro/lavrador é de caráter vertical, pois não era facultado a este o direito de escolher a quem vender a sua colheita, ou seja, os fazendeiros compravam a preços baixos contribuindo ainda mais para a pobreza e relação de dependência pessoal.

A crise ocorrida entre os anos de 1940 e 1950 é evidenciada por Souza e Guimarães (1976, p. 42) no seguinte trecho: “na década de 40/50, a economia microrregional encontrava-se em franco processo de desorganização e decadência,

sem que nenhum novo dinamismo substituísse as atividades tradicionais em declínio”. Essa crise atingiu muitas cidades interioranas, principalmente do Recôncavo Baiano. Já no final dos anos 1950 ao início dos anos de 1970, Conceição do Almeida presenciou um crescimento e posterior desaceleração da economia local, quando muitos armazéns foram fechados e outros transferidos para cidades vizinhas como uma tentativa de conter custos.

Os reflexos da crise que se abateram sobre a região, também foram relatados por Brito (2008), que mostravam-se de forma cada vez mais incisiva e “no fim da primeira metade do século XX. Assim como açúcar, o fumo no Recôncavo Baiano também já vinha perdendo a importância que outrora desfrutava no mercado internacional; a desaceleração e a conseqüente crise fez sucumbir a fumicultura baiana”. Essa crise se deu por alguns motivos, que juntos podem ter acelerado o processo. A derrocada da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, embora em uma escala mais ampla, afetou as empresas sediadas na Bahia, pois a maioria estava atrelada ao capital estrangeiro, principalmente o alemão; a mecanização no processo produtivo nas fábricas das cidades vizinhas, e a expansão dos latifúndios para criação de gado.

As conseqüências foram além da mudança da configuração espacial da cidade com o fechamento dos armazéns; o desemprego de tantos operários assalariados que tinham ali o único sustento, a expulsão do trabalhador rural, fatores esses que contribuíram para o aumento da pobreza e conseqüentemente com a necessidade de migração, o declínio do comércio devido a baixa circulação de capital.

Embora a economia local estivesse atrelada a produtos de grande prestígio, outras culturas agrícolas também contribuíram para economia e dinâmica locais. Como o cultivo da raiz de mandioca, cujo plantio ocupou nos anos de 1950 cerca de 2.500 hectares do Município. Descrito por Caldas (1973, p. 272) como um “processo de cultura em nosso meio era rudimentar, verificando-se, entretanto, vastos campos preparados dentro da técnica moderna, devidamente arados e gradeados, adubados racionalmente”. Ainda que o valor de mercado fosse baixo, havia uma grande quantidade de produção e o cultivo era realizado sem meios técnicos, apenas com as mãos e a enxada. O beneficiamento era realizado no mesmo dia ou no dia posterior a colheita, nas “casas de farinha”, onde a maior quantidade da raiz era transformada em farinha, e restante destinada a produção de beiju, goma e amido,

entre outros derivados. As raspas que sobravam eram reaproveitadas para a alimentação da pequena criação de animais (aves e suínos). Os agricultores em sua maioria eram pobres e utilizavam-se da mandioca em um primeiro momento, para o sustento da família e os excedentes para negociações no mercado.

O amendoim também era muito cultivado no Município, principalmente no primeiro distrito, onde está situada a sede, por estar localizado nas maiores planícies, ocupando cerca de 700 hectares. É definido por Caldas (1973) como uma lavoura de baixo custo, pois além da ausência de pragas, o clima e as condições da terra eram favoráveis à plantação, e os incentivos naquela época, como isenção de taxas e instalação de fábrica de óleo também foram influenciadores. Porém, a produção ao ser vendida em feiras livres na própria cidade e também na vizinhança atendia apenas às demandas locais.

Percebemos que alguns desses produtos aqui citados tenham sobressaído mais que outros ou até mesmo tenham sido “extintos”, a agricultura familiar esteve lado-a-lado com os “grandes ciclos” através de suas pequenas culturas, mas não menos importantes no cenário da economia local. Mesmo quando a intenção original era primeiramente saciar a fome de sua família, para depois obter alguma renda com o excedente, cabe aqui, ainda uma observação feita pela senhora Dona Marta¹⁰ “O café era bastante vendido nas feiras aos sábados, [...] depois acabou, aí veio o fumo. Sei que já tem bastante tempo que aqui não se colhe café, arrancaram pra plantar capim pro gado. As fazendas deixaram de ser aquelas que tinham árvores frutíferas.” Fica clara a importância destas atividades agrícolas, mesmo aquelas cujo cultivo foi de pouca representatividade para o cenário econômico, pois saciavam a fome daqueles mais pobres, que tinham na agricultura familiar a subsistência.

Devido sua economia principalmente ruralista, Caldas (1974) destaca que a cidade de Conceição do Almeida, foi sede do sindicato rural, o qual era responsável pelo apoio e assistência social aos agricultores para propiciar e reivindicar os seus direitos. Tanto relacionado à saúde, quando encaminhava-os para hospitais e clínicas das cidades vizinhas, como Cruz das Almas, Santo Antônio de Jesus e à Capital. Fornecia também, atendimento odontológico, e era responsável pelas questões previdenciárias, pois, foi responsável pelo encaminhamento de aposentadoria e invalidez de outros tantos trabalhadores.

¹⁰ Entrevista realizada por D.Marta Almeida- 80 anos, 35 minutos, 31/08/2012

A cidade cedeu lugar também à Estação experimental de Conceição do Almeida, hoje conhecida como EBDA (Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola), a qual era responsável por desenvolver pesquisas e prestar assistência técnica à fruticultura tropical, além de prestar todas as informações necessárias aos agricultores para seus cultivos. Inclusive, para dar suporte aquela que seria o novo produto da economia de Conceição do Almeida, como afirmou um veículo de informação¹¹ do Estado naquela época: “agora será a vez da laranja”, e divulgou os preparativos da cidade para essa produção.

Ainda que, esses agricultores fossem trabalhadores rurais, ao cultivarem seu sustento em áreas do campo, eles também eram trabalhadores citadinos ao menos uma vez por semana. Quando deixavam suas roças e seguiam até o mercado municipal na sede, para vender os excedentes de sua produção, contribuindo para as relações comerciais da própria cidade, objetivando a obtenção de alguma renda para aquisição de outros bens que não a alimentação.

Na “zona açucareira”, Brito (2008) evidencia que as atividades referentes ao cultivo do produto que era realizado longe da cidade, ocorressem, eram criadas vilas operárias para fornecer aos seus habitantes as condições mais elementares de habitabilidade, sendo assim, surgiram muitos “embriões urbanos” que eram dotados de infraestrutura urbana básica: saneamento, praça, eletricidade, abastecimento de água, além de suprir as demandas mais básicas como escola primária, armazém e posto de saúde. O autor relaciona a “vila operária” da “zona do fumo” com a própria cidade, visto que a maior parte da produção era localizada na mesma. De tal modo, que Souza e Guimarães (1976, p.16) também ressalta que, “o desenvolvimento da cultura fumageira favoreceu a criação de aglomerados urbanos devido, sobretudo, às atividades de beneficiamento e industrialização do produto”. Dessa forma percebemos que a fomicultura teve repercussões não apenas socioeconômica, mas também no espaço físico das cidades.

¹¹ Jornal da Bahia, 24-03-1973.

2.2 Aspectos culturais: da religiosidade aos festejos

Em Conceição do Almeida a religião Católica atrelada à figura da Igreja sempre ocupou um lugar de destaque no cotidiano dos almeidenses. Desde a fundação da cidade, sendo a peça principal do tecido urbano, pois onde hoje está situada a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, localizada no centro da cidade (ver Imagem 1). De acordo com Caldas (1974) fora em seus primórdios construída uma pequena capela pelo devoto dessa Santa, o agricultor Antônio Coelho D'Almeida Sande, que reuniu donativos e outros auxílios dos então moradores das proximidades para edificação e manutenção.

Imagem 1- Igreja Matriz ao centro



Fonte: IBGE (1957)

A Igreja Matriz além de originar o primeiro nome da cidade: Capela do Almeida, também contribuiu para a transformação da paisagem local desde o primeiro momento quando ainda era uma capela, pois foi a partir dela e da devoção de moradores vizinhos deu início a aglomeração urbana.

As novenas ocorridas na cidade segundo relatos dos moradores eram “as coisas mais lindas”, onde cada família tinha o prazer de fazer a festa; era uma “competição”, os operários, comerciantes, motoristas eram os padroeiros eram os anfitriões da noite. O mês de Maio era o que propiciava mais movimento à cidade

devido às questões religiosas, pois tinham vários dias de novenas, casamentos e missões com padres e freis “de fora” que ficavam hospedados nas casas dos próprios moradores.

No mesmo cenário em que está inserida a Igreja Matriz também está a figura do coreto que atuou como coadjuvante na paisagem urbana da cidade. Este, localizado ao lado da Igreja Matriz, também tem uma grande relevância histórica. Embora a definição de alguns dicionários dê conta que seja um palco para apresentação de bandas de músicas, em Conceição do Almeida, ele foi um verdadeiro palco dos acontecimentos variados na cidade, como por exemplo, a comemoração do dia da Bandeira (ver Imagem 2). Foi nele que foram realizados festejos juninos, missas ao ar livre, apresentações de filarmônicas, discursos de políticos, além de ser um ponto de encontro entre tantos jovens daquela época.

Imagem 2- Comemoração dia da Bandeira



Fonte: J. Nogueira, 1941 e 1947

Segundo Santana (1999, p. 82) o coreto é “um território semelhante a síntese possível do urbano e de lutas pelo predomínio da cidade”, pois ele era o centro de disputas e sedia lugar para que essas também nele acontecessem. Como exemplifica o autor:

Em Conceição do Almeida, onde hoje folgados jovens estudantes aguardam o transporte, o horário das aulas, o coreto e a igreja Matriz protegem a antiga e espaçosa arena de debates. O largo das festas e pronunciamento de religiosos permanece conservado na arquitetura da paisagem central da cidade, de modo a manter viva a memória de alguns momentos mais significativos de seu viver urbano.

Embora o estudo seja sobre a cidade cabe aqui outra observação acerca da importância das Igrejas no município, representada na figura da Igreja Santana do Rio da Dona (ver Imagem 3) localizada no terceiro distrito. Assim, é de “relevante interesse arquitetônico” para o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia - IPAC. De acordo com o mesmo, a igreja foi fundada no início do século XIX por volta dos anos de 1807 pelo Cap. Joaquim da Costa Cardozo e reformada outras vezes por pessoas de “prestígio” do próprio lugarejo. Ainda de acordo com o IPAC (1975) havia ali duas fileiras de casas que constituíam a Vila Rio da Dona.

Imagem 3 – Igreja Santana do Rio da Dona



Fonte: IPAC- BA, 1975

Um exemplo da religiosidade e da alma festiva do povo é a Festa de São Francisco de Assis, padroeiro da Igreja da Mombaça; a estima da população local e até mesmo dos vizinhos, inclusive, foi reportada em alguns veículos de informação¹². “A festa da Mombaça, muito conhecida no Recôncavo pela sua qualidade e regozijo, ainda das tradições cafeeiras, atraiu centenas de turistas, não só do Recôncavo,

¹² Jornal A TARDE- Terça-feira, 8 de Outubro de 1974

como também, de outras regiões longínquas. O arraial é simples, com uma capelinha no centro”.

Nessa festa, além da demonstração de fé através das novenas, procissões, batizados, casamentos, também havia o clima perfeito para o divertimento como os leilões, samba de roda, contratação de filarmônicas, como é relatado na Tribuna da Bahia¹³: “Na tarde de hoje, haverá samba de roda, pau-de-sebo, quebra-pote e muitos outros divertimentos. Pela noite, haverá missa celebrada pelo bispo da Diocese, D. Alair Vilar de Melo e o padre Antenor dos Santos. Amanhã de manhã, batizados e, pela tarde, a procissão”.

Essa festa que ao mesmo tempo tinha um caráter religioso, também era aquela que promovia a união da população local, que se organizava para propiciar uma festa bonita e se articulava na ornamentação e divulgação.

Outra festa reconhecida na cidade é a Micareta, divulgada em jornais¹⁴ “a sua tradicional micareta. Participarão dos cortejos, blocos e cordões, batucados e trios elétricos, além de caravanas de Municípios vizinhos”. Além do entretenimento promovido, existe outro ponto a ser analisado, elas agitavam toda a comunidade e movimentava a economia tanto do comércio formal ao atrair turistas, como os ambulantes com suas “barraquinhas” de bebidas, comidas e artesanatos vendendo nos dias de festas que faziam a cidade fervilhar.

Ao mesmo tempo, que em Conceição do Almeida emergiam características do recôncavo baiano construída durante a colônia escravista, é também território de colonização italiana. Mas, a herança deixada pelos negros que ali residiram, como o samba-de-roda, perpetuaram por muito tempo. Essa constatação de Araújo (1986, p. 144) evidencia que, “por força daquela densidade da população negra, é Conceição do Almeida um dos grandes redutos da dança profana mais bela da Bahia, o samba-de-roda, há em extraordinárias matrizes musicais, coreográficas e literárias”. Esse samba é uma mistura de diversão e encontro com os amigos, como também uma forma de expressar sentimentos, e relatar o cotidiano em forma de cânticos acompanhados de dança.

¹³ Jornal Tribuna da Bahia, 4 de Outubro de 1975.

¹⁴ Jornal A TARDE- 13 de Maio de 1973.

Mas não só as festas movimentaram Conceição do Almeida. No início dos anos de 1970, o Almeida foi notícia em vários jornais¹⁵ devido às exposições e encontros de artistas plásticos e poetas. Um dos lançamentos literários da época, o livro “Conceição do Almeida – Memórias – Minha terra, Minha gente” de Geraldo Coni Caldas, que contribuiu para este trabalho. Durante esse período, foi sede de exposições, encontros e amostras de arte, como o I e II Encontro de artistas nos anos de 1973 e 1974, onde os jovens da cidade, de cidades vizinhas e até da capital expunham seus trabalhos assim como.

2.3 A feira livre: importância dos feirantes na paisagem urbana

A feira livre é definida por Dolzani e Mascarenhas (2008, p. 75) como a uma modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos. Sendo assim, a feira é a comercialização de mercadorias a céu aberto geralmente em mercados municipais, onde não existe uma demarcação exata ou loja fixa para cada feirante e geralmente ocorrem uma vez por semana. A origem das feiras livres no Brasil data do período colonial quando se multiplicaram rapidamente e precisavam abastecer de alimentos os primeiros núcleos urbanos.

Embora, a origem dessas relações comerciais datem de outros períodos, no Nordeste, as feiras só começaram a ter um incremento por volta dos anos de 1950 que segundo Garcia-Parpet (2002) foi devido a decadência de outros setores da economia voltados ao cultivo em fazendas, como a cana-de-açúcar, café, fumo. Esse fato repercutiu nas relações verticalizadas entre fazendeiros e trabalhadores de dominação/dependência. O trabalhador mantinha-se sempre próximo ao patrão, pois consumia as mercadorias de primeira necessidade nas vendas das próprias fazendas com um valor bem acima de mercado, e, portanto, estava sempre com dívidas não restando quantia para ir à cidade consumir. A autora alerta que a expansão dessas feiras resultou na “libertação” dos trabalhadores, pois podiam finalmente ir às feiras trocar ou vender seu excedente apesar de ser em pequena

¹⁵ Coletânea de recortes de jornais entre as décadas de 1960 a 1970 coletadas e organizadas pelo saudoso Geraldo Coni e disponível em seu acervo pessoal, cedido por familiares.

escala, e ainda comprar outros de seu interesse com um valor de mercado coerente devido ao leque de possibilidades e opções da concorrência.

A inserção dos pequenos produtores na feira é duplamente facilitada: a venda de sua colheita pode lhes servir de capital inicial, e esta venda sendo feita periodicamente permite a familiarização desses pequenos produtores com a praça de mercado, superando o conhecimento possuído, apenas, como simples consumidor. Esta combinação de atividades agrícolas e comerciais apresenta numerosas vantagens: o comércio nas feiras permite aos camponeses complementar suas rendas sem perder a autonomia. (GARCIA-PARPET, 2002, p. 207)

Percebe-se que as feiras abriram a possibilidade de autonomia na escolha do quê e onde comprar além da geração de renda para aqueles que antes viviam endividados.

Trazendo para o âmbito territorial mais próximo, no Recôncavo Sul, as feiras começaram a se generalizar no começo do século XX, como afirma Santana (1999, p.48) que aquelas cidades detentoras das feiras começaram a adquirir “centralidade” fazendo com que o núcleo urbano crescesse junto ao aumento populacional, assim como a intensificação da relação urbano-rural. Ainda de acordo com o autor, o “mercadejar” já datava dos tempos da colonização e do tráfico negreiro. Nessa época, havia a comercialização de escravos para suprir a demanda do interior e nesse ato chagava-se ao valor final. Inclusive, Conceição do Almeida foi um desses locais que se diferenciou ao instalar “um tipo de ‘mercado de escravos’, no Município de Maragogipe, na então Capela de Santana do Rio da Dona, hoje distrito de Conceição do Almeida, para onde se dirigiam os compradores, atravessadores e proprietários de escravos à venda de todo o Recôncavo Sul da Bahia”.

Então, a feira livre¹⁶ como conhecemos hoje, originou-se de vendedores ambulantes que muitas vezes localizavam-se no entorno de fazendas, de engenhos e de usinas para depois passarem às ruas da cidade. Em Conceição do Almeida o

¹⁶ Sendo aqueles núcleos de povoamento, pequenos, via de regra semi-rurais, que periodicamente transformam-se em localidades centrais: uma ou duas vezes por semana, de cinco em cinco dias, durante o período de safra, ou de acordo ainda com outra periodicidade. Fora dos períodos de intenso movimento comercial voltam a ser pacatos núcleos rurais, com a maior parte da população engajada em atividades primárias, além de uma relação espacial-temporal, devido a periodicidade de seu acontecimento e local. (Corrêa, 1994, p. 35)

Mercado Municipal foi inaugurado no ano de 1905. Esse espaço físico surgiu com a finalidade de organizar esse comércio informal congregando e destinando-o para um local específico da cidade, onde fosse possível a higienização e ordenamento.

A comercialização de produtos agrícolas e o varejo eram realizados nas feiras livres, que tinham como base a agricultura familiar, tantas vezes esquecida pelo poder público. A necessidade dos lavradores de trocar ou vender o excedente de sua colheita, para que pudessem então, saciar suas necessidades mais urgentes. Como bem descreve Santana (1999, p. 55), nos anos de 1940 em dias de feira

[...] a cidade recebia lavradores das roças do mesmo ou de outros municípios próximos, trazendo café, farinha, fumo, carne da Charqueada Mirante, frutas, ingá, licuri e ovos enrolados em folha seca de banana, transportados nas costas de animais ou em carros de bois. Ao retornarem levavam querosene, cachaça, tamanco, bacalhau, carne de boi fresca, comprados com dinheiro conseguido na venda de suas mercadorias”.

Vale ressaltar que mesmo que a economia local estivesse atrelada à produtos de maior representatividade econômica, como o café e o fumo, durante esses cultivos havia simultaneamente lavoura de outros produtos, principalmente no fumo conhecido como “lavoura de pobre”, que como o nome já induz, faz referência a maior parcela dos agricultores que o cultivavam em seus quintais e junto a outros produtos para suprir as necessidades familiares.

A feira livre é entendida por Garcia-Parpet (2002) como um organismo vivo, que muda conforme a época e as necessidades se adaptando a nova realidade e demanda, é também um local democrático e diversificado, onde qualquer um ambulante ou clientela pode circular livremente realizando suas vendas ou aquisições.

Enquanto espaço da vida, a feira livre é o lugar de socialização, onde as relações são muito próximas, tanto nas relações feirante-feirante, quanto feirante-cliente com atendimento diferenciado. Em Conceição do Almeida muitos laços foram criados e não apenas no mercado municipal, mas também durante o percurso ida-volta como descreve Santana (1999, p. 55):

[...] a viagem à feira traduzia-se na valorização das notícias acerca dos parentes e amigos de roças distantes, das informações sobre as doenças e o preço do café, do fumo e da farinha, produzidos em larga escala, no Município. Muitas vezes, tais conversas ocorriam adornadas por “causos” e piadas regadas à cachaça ou ao sabor do beijú [...].

Esse era o maior adjetivo das feiras livres, um lugar que conseguia unir o rural ao urbano de forma peculiar, ao propiciar ao primeiro o contato com o que tinha de mais novo na cidade, e ao segundo o abastecimento urbano. O autor afirma ainda que, desenvolvimento urbano do Recôncavo emergiu devido aos “trabalhadores da farinha”, das feiras de Conceição do Almeida, Maragogipe, Santo Antônio de Jesus.

Dessa forma, é perceptível a importância não só econômica como principalmente social das feiras livres como sintetiza Dolzani e Mascarenhas (2008, p.74) “a feira livre representa uma experiência peculiar de sociabilidade e de uso da rua”, que por possuir uma multidão de pessoas torna os vínculos comerciais e sociais mais estreitos, sendo a rua o palco principal em que se desenrola essa sociabilidade.

3 DINÂMICA SÓCIO-ESPACIAL

A dinâmica sócio-espacial são as transformações ocorridas decorrente da evolução do crescimento populacional e das dimensões físicas do Território juntamente ao desenvolvimento social relacionado ao meio urbano. A paisagem urbana é modificada conforme algumas características, como por exemplo, os econômicos, históricas, sociais, culturais. De forma,

Tratar dos conteúdos conceituais e socioespaciais dos espaços urbanos atuais não é tarefa muito fácil, pois como já se afirmou a cidade é, ao mesmo tempo, um conceito e uma realidade. Lidar com esse desafio exige a compreensão do conjunto e de suas partes, bem como suas mutações sincrônicas e diacrônicas, que se revelam por meio de tempos e espaços múltiplos. (SPÓSITO, 2004, p. 263)

Considerando esse dinamismo, é importante a identificação dos fatores que contribuíram em maior escala para as mutações. Existe ainda uma ligação estreita entre a sociedade e a paisagem, visto que, esta contribui para construção do espaço e como se apropria deste a experiência humana acontece a interação com a paisagem. Nessa seção será abordada a intrínseca ligação entre a expansão da malha urbana da cidade junto às questões sociais como evolução populacional, e como estas repercutiram nas transformações urbanas.

3.1 Paisagem urbana

A igreja católica exerceu um papel importante na estruturação física das cidades brasileiras, portanto esta foi um agente modelador. No Brasil a Igreja influenciou diversos campos: econômicos, político e social, além do papel de destaque na configuração do espaço urbano. Bem como destaca Costa (2007, p. 44): “a igreja esteve na base do surgimento de muitos núcleos urbanos [...]. Uma ermida ou uma capela constituíam os pontos entorno e em função dos quais se formaram pequenos aglomerados humanos”.

Percebe-se que na cidade de estudo, onde hoje está situada a Igreja Matriz, em seus primórdios surgiu da edificação de uma pequena capela feita por um

agricultor com auxílios de moradores próximos. Essa aglomeração urbana foi aos poucos se adensando devido a devoção das pessoas, fenômeno foi comum à muitas cidades como o relato acima da autora. Há de se observar, que conforme aumentava a população ela transforma-se em Igreja Matriz, elevando o aglomerado urbano à Vila, assim como Filho (1994, p. 06) relata sobre Conceição do Almeida que “[...] se emancipou do surgimento como aglomerado ou povoado, até o Curato do Almeida ou Capela do Almeida [...] passou a Villa da Nossa Senhora da Conceição do Almeida”. Diante do exposto fica evidente a importância da Igreja na cidade influenciando o surgimento de uma aglomeração humana, do surgimento de um núcleo urbano e posteriormente o indutor do crescimento da malha urbana.

Como a topografia atua como agente de demarcação do território, então foi na cumeada do sítio que a malha urbana teve início. Conceição do Almeida está situada em um planalto a cerca de 216 metros de altura. Partindo da conceituação de Cassilha e Cassilha (2009), o desenho urbano da cidade estaria entre duas formas a linear¹⁷, pois é cortada por uma rua principal ao centro e possui o traçado dos bairros e lotes semelhantes e proporcionais, como podemos observar (ver Figura 1). Além de possuir características em grelha retangular¹⁸ com traçado geométrico regular com ruas perpendiculares entre.

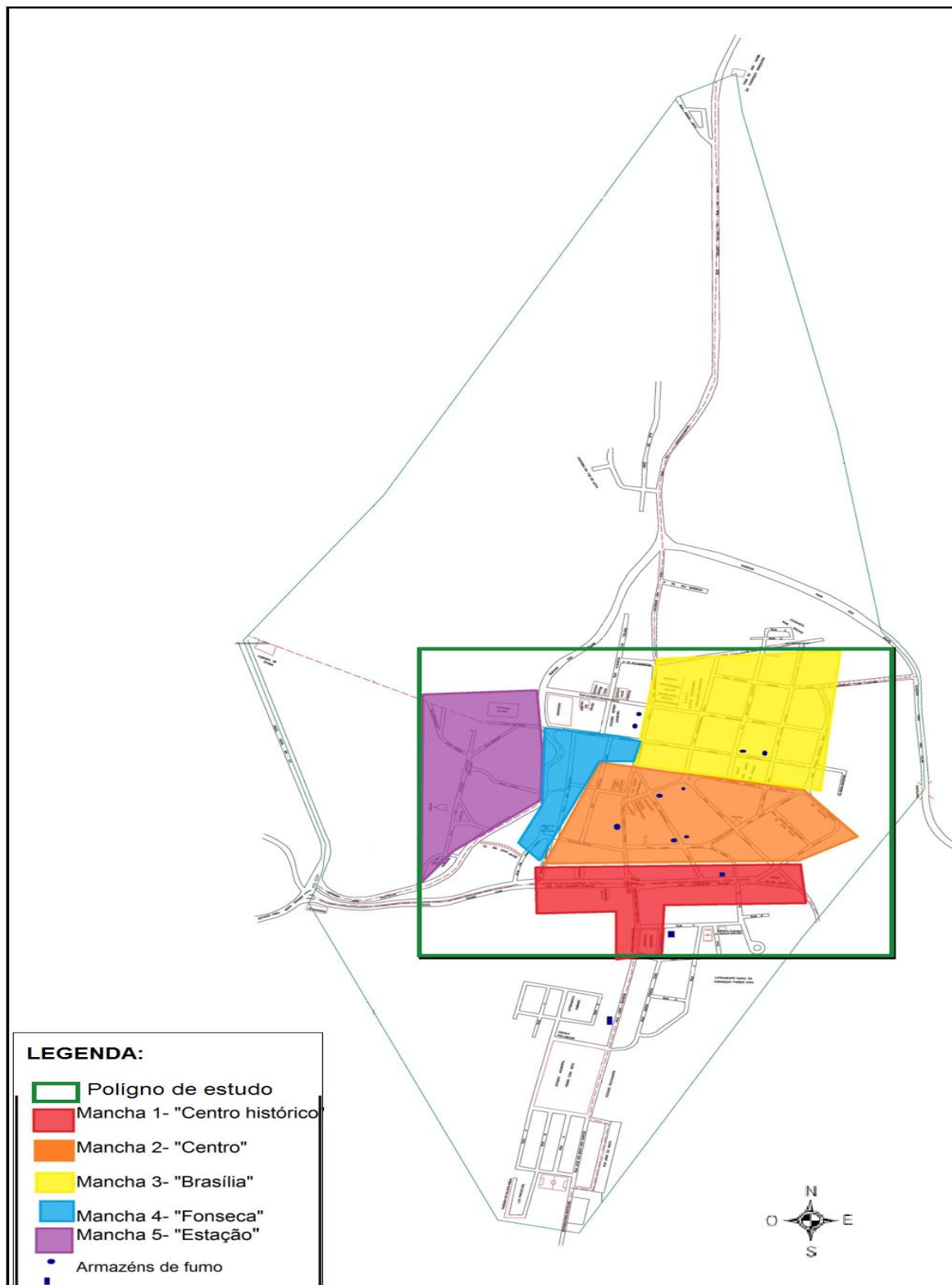
A apreciação da paisagem urbana aconteceu através da análise da malha urbana atual, porém foi dado destaque àquelas áreas em que a origem e o adensamento se deram no período de estudo. Afinal, Corrêa (2002, p.8) define o espaço urbano como “[...] um reflexo tanto de ações que se realizaram no presente como também daquelas que se realizaram no passado, e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente”. Para essa análise morfológica foi utilizado como base a malha urbana (ver Figura1) da cidade elaborada pelo IBGE em 2007, a partir dela foi traçado um polígono de estudo o qual subdividiu-se em cinco manchas urbanas, porém não houve aqui a limitação de algumas

¹⁷ Cidade linear segundo definição de Cassilha e Cassilha (2009, p. 108) “é baseada numa linha, com algumas paralelas, ao longo das quais ocorrem todas as atividades urbanas. Esse modelo torna a cidade muito extensa, com grandes dimensões lineares, e não possui um centro bem definido, tornando muito grande as distâncias entre as diversas atividades. Por isso esse modelo é funcional apenas para pequenas escalas”.

¹⁸ Cidade em grelha retangular conforme conceituação de Cassilha e Cassilha (2009, p. 109) “é estruturada de acordo com uma malha retangular dividida em blocos semelhantes, e com possível crescimento para todos os lados, considerando que esta forma não possui fronteiras pré-definidas. Os terrenos possuem o mesmo formato e todos os pontos possuem acessibilidade às diversas atividades dentro da cidade”

considerações pontuais das outras áreas que surgiram posteriormente ao espaço de tempo estudado.

Figura 1 - Manchas urbanas em Conceição do Almeida



Fonte: Adaptação própria com base no IBGE, 2007.

Como já exposto, a cidade teve início na edificação de capela, e devido a peregrinação de devotos, ao seu entorno houve o surgimento de um núcleo urbano e posteriormente à necessidade de atração de bens e serviços. Esse primeiro momento está retratado na Mancha 1, aqui considerada como “centro histórico”. Evidenciando-se através das residências ali edificadas, como por exemplo, uma residência do ano de 1905 (ver Imagem 4) não é preciso ser especialista para notar a semelhança arquitetônica das demais. Muito embora o estudo tenha sido focado a partir dos anos 1950 essa observação torna-se importante, uma vez que, nesse ano a concentração urbana limitava-se a esse mesmo local. Aqui estão os três símbolos mais representativos no traçado da cidade: a Igreja Matriz, construída no ano de 1909, o coreto e o mercado municipal, construído no ano de 1905.

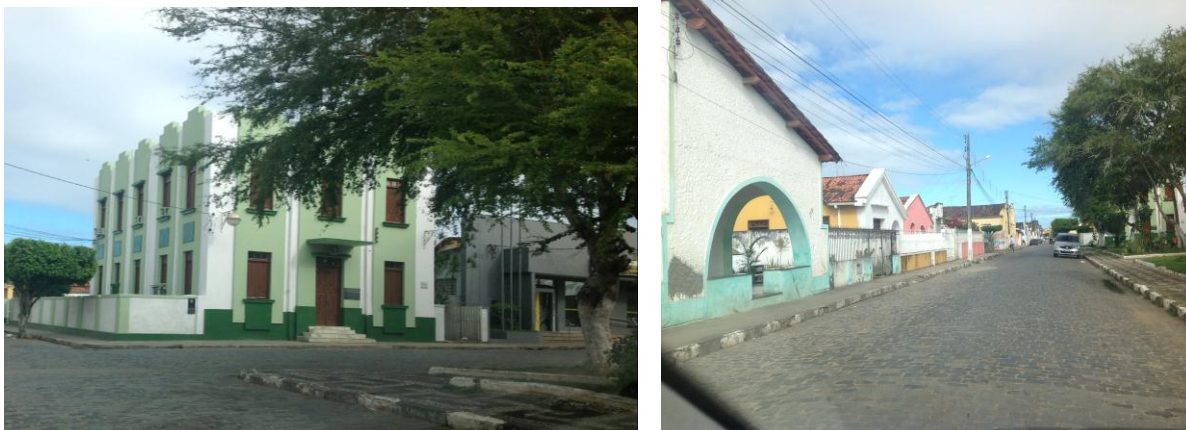
Imagem 4 - Casa 1905 e outras residências do “centro antigo”



Fonte: Autoria própria, 2012.

A Mancha 2 representa a primeira, também considerada de centro é sede do principal elemento representativo da cidade, a prefeitura, juntamente aos correios, ao banco e ao jardim que se localizava em frente. Essa área possui um traçado linear, grandes quadras, e uso misto, visto que o comércio e serviços se localizavam na via principal e nas demais áreas estavam as residências (ver Imagem 5). Contava ainda com a presença de cerca de cinco “armazéns”.

Imagem 5 – Prefeitura e residências do “centro”



Fonte: Autoria própria, 2012.

A Mancha 3 é conhecida como “Brasília” e segundo Caldas (1974) era um bairro operário, isso devido a concentração de cerca de quatro “armazéns de fumo” e a proximidade com tantos outros do centro. O tecido urbano apresenta como uma característica muito marcante o reticulado ortogonal, e a similaridade do tamanho das quadras. Era um bairro residencial (ver Imagem 6) onde as moradias eram pode-se considerar “medianas”, existindo uma boa arborização devido a presença do jardim, outros dois elementos marcantes dessa área é o colégio normal Centro Educacional das Escolas da Comunidade - C.N.E.C, inaugurado em 1961 e hoje Nossa Senhora Imaculada da Conceição.

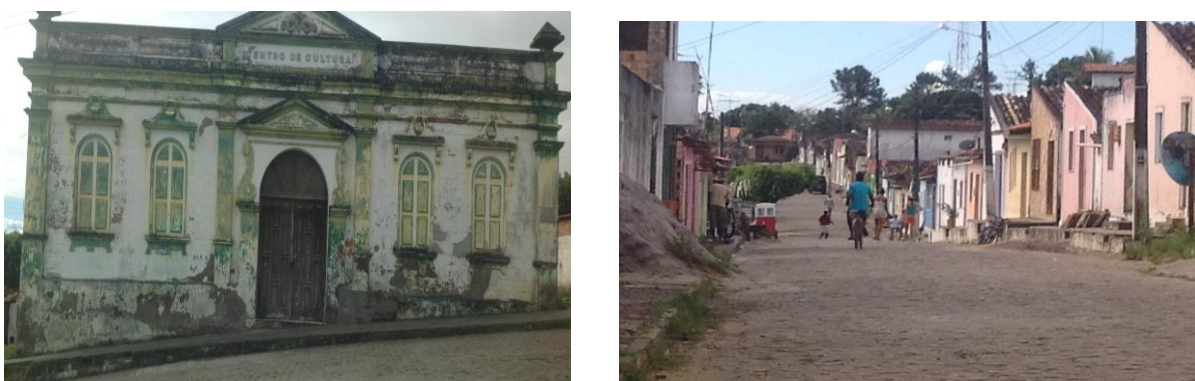
Imagem 6 – CNEC e outras residências da “Brasília”



Fonte: Autoria própria, 2012.

Hoje conhecida como “Fonseca” a Mancha 4 possui um traçado ordenado e certa proximidade ao centro e aos “armazéns”. Segundo relatos de moradores, as casas dessa área eram “de palha” e a população muito carente, onde destacava-se a função residencial. Essas casas não existem mais, porém existe uma grande concentração de residências simples (ver Imagem 7), de pequeno lote e com traçados arquitetônicos similares, um importante elemento é o Centro cultural construído no ano de 1917.

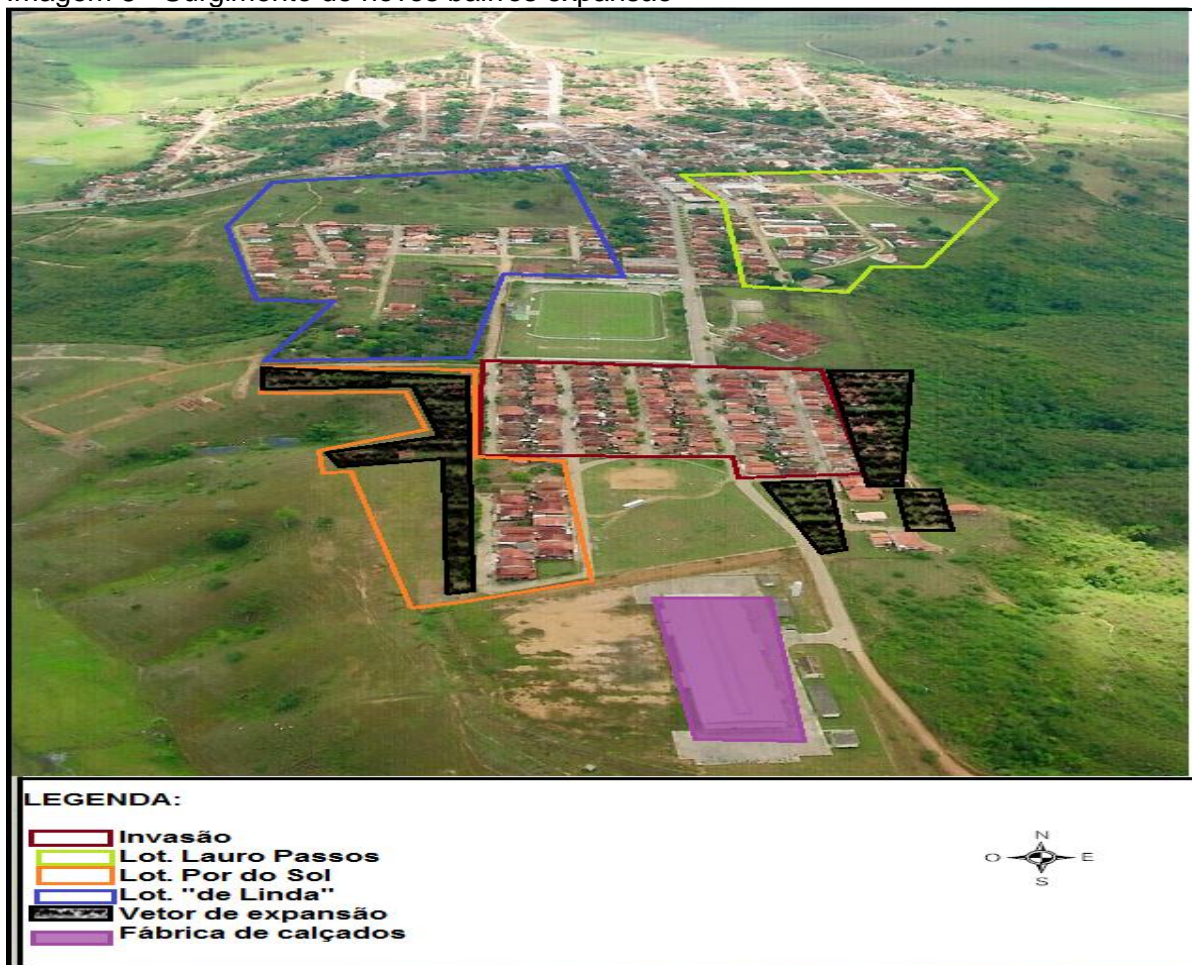
Imagem 7 – Centro cultural e outras residências da “Fonseca”



Fonte: Autoria própria, 2012.

A “Estação” localizada na Mancha 5, é segregada do restante da cidade por duas limitações físicas: ocupa um área de Vale e a BR 242 que corta o Município fazendo ligação com a cidade de São Felipe. Segundo relatos sua origem é decorrente, principalmente da construção da linha de trem e teria cedido lugar para a sede da estação. Provavelmente por esse motivo possui essa nomenclatura. Para suprir a demanda por operários, a empresa responsável construiu algumas residências que embora fossem simples, havia o mínimo de higiene, pois eram dotadas de banheiros, podendo ser considerada como um bairro residencial e dormitório ao mesmo tempo. A localidade possui um traçado irregular assim como topografia acidentada com muitas ladeiras, contando ainda com uma praça. Atualmente preserva as mesmas características, porém concentra uma população com característica de baixa renda e carregando o estigma da marginalização por parte do restante da cidade.

Imagem 8 - Surgimento de novos bairros expansão



Fonte: Autor desconhecido.

Embora o estudo aqui contemple um período específico faz-se necessário pontuar o surgimento de novos bairros, através da aerofoto (ver Imagem 5) mais atual e a formação de polígonos. Como por exemplo, a “invasão” que fazia parte do programa do governo URBIS¹⁹, porém quando começaram a construção das casas, houve a invasão de alguns moradores mesmo não tendo telhado, daí o nome atual. O surgimento de três novos bairros aconteceu devido o loteamento de algumas terras, onde hoje concentram-se as casas mais novas e de padrão elevado, embora não exista calçamento na maioria das ruas. Através da análise dessa imagem, da

¹⁹ A Habitação e Urbanização da Bahia S.A - URBIS, é uma sociedade de economia mista, constituída por tempo indeterminado, nos termos da lei estadual nº 2.114 de 04/01/1965. As principais finalidades da URBIS quando criada era: estudar as questões relativas à habitação popular e ao planejamento e à execução das suas soluções observada a política de desenvolvimento econômico e social do estado; formular, coordenar e executar o plano estadual de habitação e seus diversos sub programas; promover a urbanização de áreas habitacionais carentes de infra estrutura básica e propiciar a ocupação de vazios urbanos destinados a implantação de assentamentos residenciais de interesse social, particularmente aqueles voltados a população de baixa renda.

malha urbana IBGE (2007) e das visitas à campo, pode-se constatar que a Fábrica de sapatos Herinch instalada em 2004²⁰ através de uma iniciativa do governo estadual de levar empregos às cidades baianas, tem sido um condicionante do vetor de expansão da cidade. É importante ainda, o registro de que a periodização do início dessas manchas aqui retratadas deve-se levar em conta que provavelmente houve o surgimento, mesmo que pontualmente, de algumas moradias ou em outros locais, antes da sua origem.

3.2 Características populacionais

O estudo sobre a população em questão realizou-se através da consulta aos recenseamentos e censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no período de 1950 até 2010. O Censo demográfico é um instrumento que através do levantamento detalhado de dados do ponto de vista qualitativo e quantitativo é capaz de contribuir para o planejamento de interesse social. À medida que há um aumento populacional, ocorre maior uso do território, maior produção agrícola para suprir as demandas de mercado, ou seja, pode conseqüentemente, implicar em efeitos socioeconômicos em cadeia.

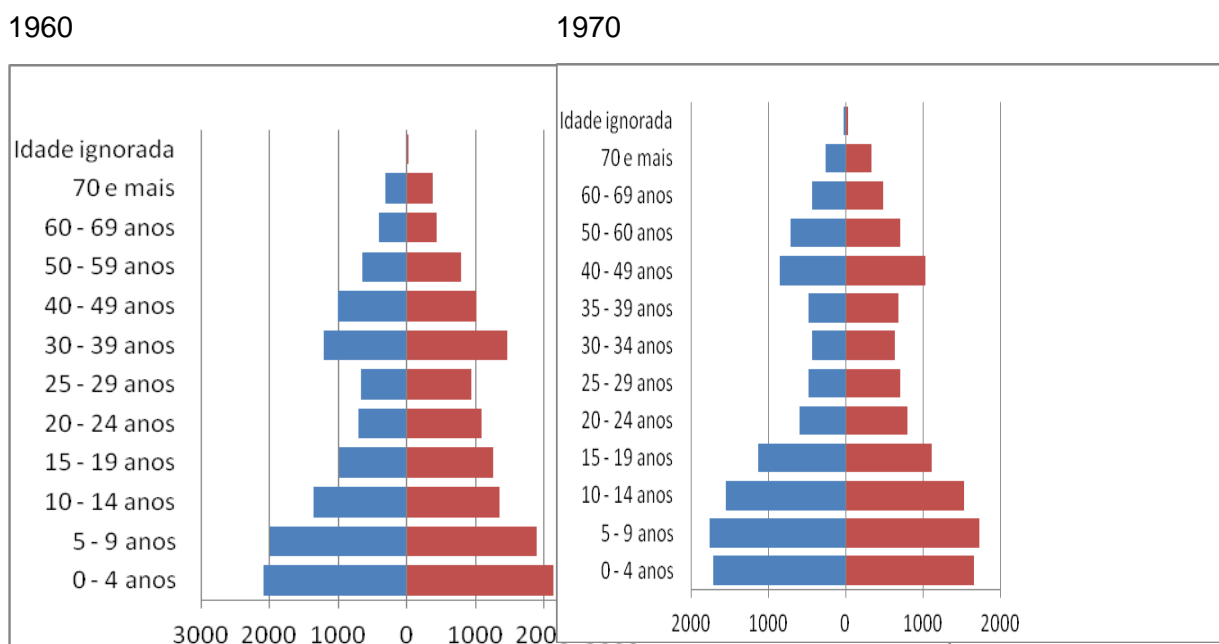
Diante da análise dos indicadores demográficos é possível caracterizar a população no que se relaciona à classificação etária. A composição etária seria então, a totalidade da população separada por sexo e faixas de idade e seu estudo é de suma importância, pois é possível realizar análises através das tendências e ainda auxiliar na compreensão de fatos do passado que condicionaram a atual dinâmica. Dessa forma, a evolução urbana “Almeidense” surge como produto desse fator.

Entre os anos de 1950-1960, através da análise das pirâmides etárias, constata-se um padrão da base mais larga que o topo (ver Gráfico 1). Nesse período, existiu uma elevada taxa de natalidade junto a uma também elevada taxa de mortalidade, apresentando ainda uma esperança média de vida baixa (vide

²⁰ Com investimentos de R\$ 9,6 milhões, a empresa de Calçados Conceição do Almeida, pertencente ao grupo Henrich, será inaugurada hoje, em Conceição do Almeida, e inicia suas operações com a geração de 30 postos de trabalho. A previsão de produção é de 2,5 milhões de pares por ano, podendo elevar o número de empregos para 600 vagas. (Jornal Correio da Bahia, 22/09/2004)

estreitamento do topo). Sendo assim, a população apresentada nesse período era predominantemente jovem.

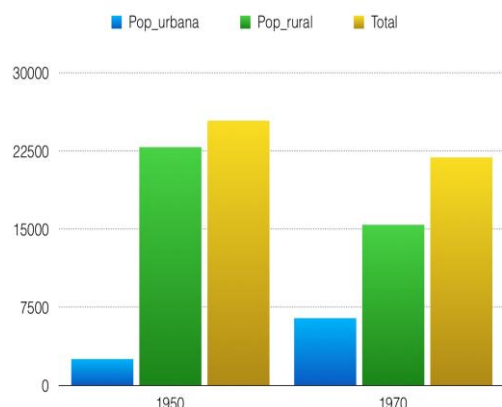
Gráfico 1 – Pirâmides etárias



Fonte: Elaboração própria com base nos dados IBGE

Ao visualizarmos o Gráfico 2, percebemos que entre a década de 1950 a 1970, existe uma diferença evidente entre a população rural e urbana. Na década de 50, cerca de 90% da população era rural enquanto que duas décadas depois, esse valor caiu para cerca de 70%, devido a não contemplação do censo de 1960 na divisão da população por situação de domicílio, não foi possível inseri-lo. Decorre ainda, um conjunto de processos históricos, como por exemplo, o cultivo do café e cana-de-açúcar realizado nas fazendas, fato que influenciava esse quadro de população predominantemente rural. Cenário esse, de todo o recôncavo como Milton Santos identificou (1959, p.66) “o recôncavo é uma região de vida urbana notável e ao mesmo tempo onde densidades rurais atingem índices bem elevados os mais altos do Estado”.

Gráfico 2- Evolução populacional por situação de domicílio



Fonte: Elaboração própria com base nos dados IBGE

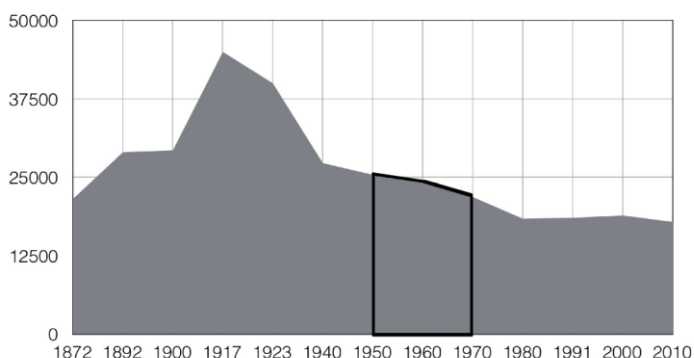
O impacto da crise que se abateu sobre a região repercutiu de forma intensa em Conceição do Almeida, e a necessidade de sobreviver, e ainda a pressão dos fazendeiros para a aquisição e expansão de suas terras para criação de gado, fez com que a população agrícola saísse das propriedades rurais em busca de melhores condições de vida, caracterizando assim o êxodo rural, que no primeiro momento direcionou-se para o próprio município.

Embora não existam dados da década de 60, no intervalo entre 1950 a 1970, ao visualizarmos o Gráfico 2 percebe-se que houve um incremento na população urbana, devido provavelmente à medida que o cultivo e a industrialização do fumo se intensificou, a população urbana aumentou em decorrência da oferta de vagas no mercado de trabalho. Em contrapartida, nesse mesmo período, houve um decréscimo quase da mesma quantidade de habitantes que migraram do município para outros. Começava então, um novo cenário: a economia do fumo entra em decadência e as transferências ou fechamento dos armazéns culminaram numa massa de desempregados e jovens que, sem perspectiva, saíram da cidade em busca de melhorias.

Através do levantamento de dados da pesquisa feita por Geraldo Caldas (1973) referente aos anos de 1872 até 1923, dos recenseamentos e censos do IBGE dos anos de 1940 até 2010, foi elaborado um gráfico com a evolução populacional de 1872 a 2012. Porém, lembremos que esse estudo contempla o intervalo entre as décadas de 1950 a 1970, por tanto, ao visualizarmos o Gráfico 3, a partir desse enfoque temporal, percebe-se o acentuado declínio da população, principalmente

entre 1960 e 1970, ou seja, o movimento de migrações decorrentes de fatores internos, como a crise e falta de perspectivas, foi possivelmente um indutor dessas mudanças populacionais.

Gráfico 3 – Evolução populacional entre 1872- 2010



Fonte: Elaboração própria com base em dados do IBGE

A incapacidade da zona rural de conter os excedentes populacionais decorrente da decadência da cultura do fumo, contribuindo para aumentar o saldo populacional urbano do recôncavo, além de contribuir para o processo de migração para cidades maiores, para Salvador e para o sul do país. Por isso, Santos (1959, p. 86) constatou que as pequenas cidades dessa região atuaram como intermediárias, uma vez que, “passar pela cidadezinha é uma etapa para o homem rural, antes de prosseguir com o destino a outros centros maiores”, onde era possível constatar nos armazéns de fumo que a proveniência dos trabalhadores era cada vez mais da zona rural do que da própria sede.

Para efeito elucidativo, é importante salientar alguns pontos: nos anos de 1950, o IBGE não realizou, no referido ano, a pesquisa por faixa etária e existe ainda uma redução nas faixas etárias estudadas nos recenseamentos de 1950 e 1960, por tal fato, em um primeiro momento possam aparentar distorções. Outra ocorrência relevante foi a não realização do censo no ano de 1990, que foi transferido para o ano seguinte.

2.3 Armazéns do Fumo e sua influência na configuração urbana

Dentre todas as atividades agrícolas da cidade, a cultura do fumo foi a que mais se destacou no período de estudo, não só pela representatividade econômica, mas também e principalmente, pelos fatores sociais. Essa cultura, transformou a paisagem urbana de Conceição do Almeida, que é composta, dentre outros elementos, pela presença de galpões e armazéns de fumo, como é possível constatar a partir de alguns ainda existentes. No período em questão a cidade chegou a sediar cerca de quatorze armazéns e galpões (Ver Imagem 9).

Imagem 9- Armazéns de fumo

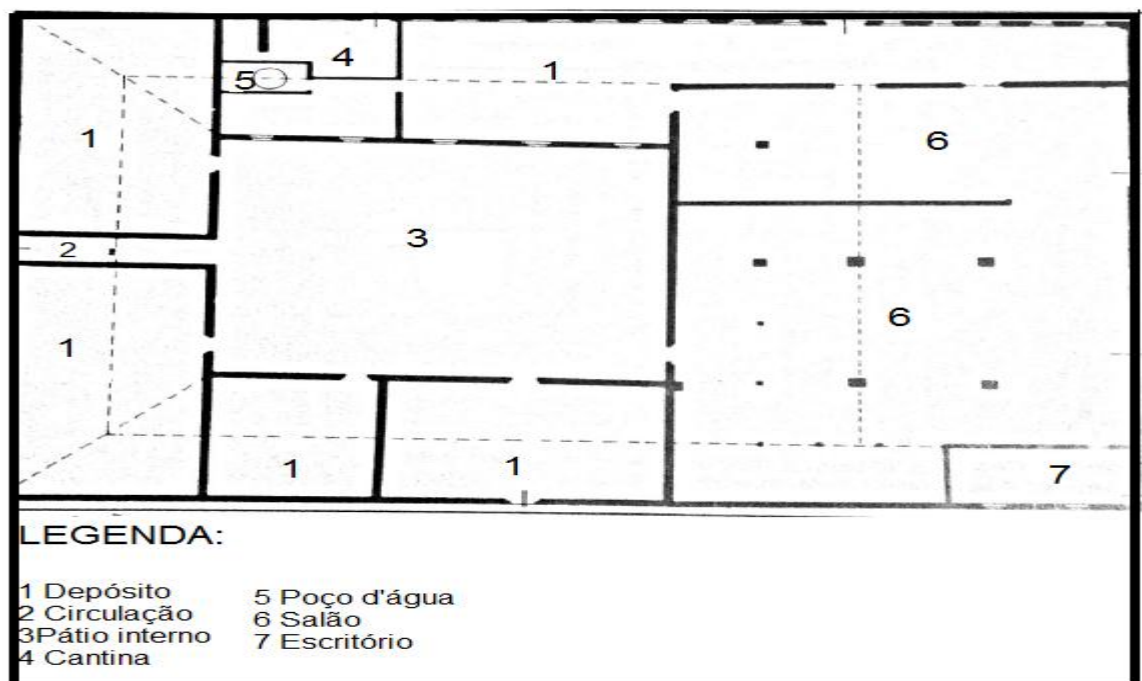


Fonte: Autoria própria, 2012.

Durante o período de pesquisa para a concretização deste trabalho, as visitas à campo, já com um olhar urbanisticamente mais apurado, foi imprescindível analisar a distribuição espacial dos armazéns de fumo e como se relacionavam com os outros elementos da cidade. Há de se levar em conta, que devido a crise e o fim da produção, o beneficiamento nos armazéns cedeu lugar a outros usos, e muitos tiveram sua arquitetura parcial ou totalmente modificada ou até mesmo foram

derrubados dificultando a identificação. Esses armazéns (ver Figura 2) necessitavam de grandes lotes e possuíam uma estrutura voltada para um contingente grande de funcionários. Caracterizam-se pela fachada com muitas janelas para ventilação do produto. A construção era geralmente de arquitetura simples, com um grande galpão com divisões para cada etapa do processo produtivo.

Figura 2 - Planta baixa Armazém do fumo



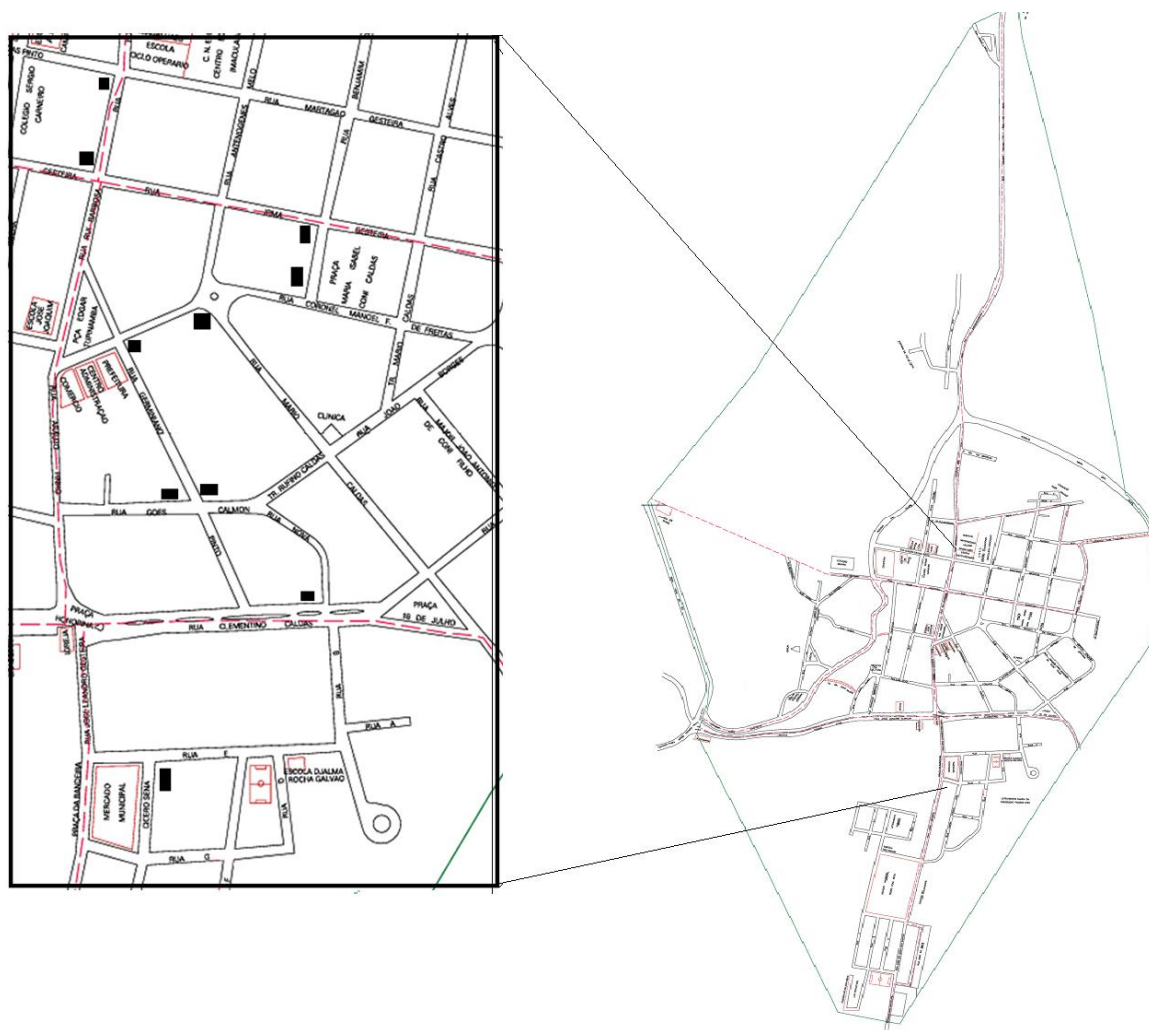
Fonte: IPAC, 1974.

Como podemos observar na planta baixa desse armazém, os depósitos localizam-se nas extremidades, provavelmente devido a proximidade com as janelas para propiciar ventilação ao fumo. Ao centro, localizam-se os salões e o pátio central, onde ocorria o processo de beneficiamento, restando para a sociabilização dos operários apenas a pequena cantina.

Segundo Corrêa (2002, p. 9) “a existência de estabelecimentos industriais juntos uns dos outros, e realizando entre si, vendas de matérias-primas industrialmente fabricadas, constitui-se, pelas vantagens de estarem juntos, em fato que viabiliza a continuidade da produção, isto é, a reprodução das condições da produção”. Dessa forma, tratando-se de uma localidade onde havia a industrialização do produto, e da análise da Figura 3, pode-se notar que a distribuição dos armazéns no tecido urbano, seguia quase um ordenamento de em

média de dois por quadra; a maior concentração estava situada no centro, onde também existia o comércio e o mercado municipal, e ainda a proximidade às praças, que pressupõe a possibilidade dos operários em horário de almoço interagir em poucos momentos de lazer.

Figura 3 - Distribuição espacial dos armazéns de fumo



Fonte: Autoria própria com base no IBGE, 2007.

No período em que iniciou-se o cultivo de fumo na Bahia, a mão-de-obra era escrava, logo, os fazendeiros não tinham custos com pagamento de salários. Com o fim da escravatura, o modelo mudou, mas era necessário continuar produzindo e lucrando mais. O ex-escravo se torna então trabalhador rural, agora assalariado, para suprir essa demanda. Uma relação onde o fazendeiro “cedia” a terra e o trabalhador rural ficava encarregado de cultivar, colher e depois dividir um terço do faturamento ou até mesmo a metade, foi estabelecida. Além disso, se mantinha um

ciclo de dependência com os donos dos armazéns onde era vendida a colheita para beneficiamento.

O cenário de exploração ao qual estavam ligadas as relações trabalhistas, Caldas (1974, p. 259) ressalta que esses lavradores ocupavam quase todo o dia com o trabalho: “preparo do solo, sementeira, adubação, plantio, capação, desolha, limpa, colheita, secagem em galpão, manocação, enfardação, até entregar aos armazéns de compra de firmas exportadoras”, o que os impossibilitava de realizar outras atividades a não ser o cultivo de amendoim, mandioca e outros de menor representatividade junto ao fumo.

Por outro lado, Caldas (1974) traz em sua obra a realidade do “trabalho de armazém”, era almejado por muitos almeidenses tanto da zona rural quanto na cidade. Embora temporária, durando de quatro a seis meses, a “carteira apontada” era a esperança de uma aposentadoria, de garantir o sustento da família. Era um trabalho realizado por homens e mulheres; existia uma vasta possibilidade de cargos, desde o “homem do peso”, responsável por levar o produto para dentro do armazém, passadores, gradeiros, boqueiros e outros, que eram supervisionados atentamente pelos mestres que se reportavam aos gerentes. Ao chegar à cidade, o fumo então era levado ao beneficiamento. A mão-de-obra desse processo era diversificada e hierarquizada; cada operário era responsável por uma parte do processo de produção e sempre fiscalizado pelo mestre para manter o nível de qualidade.

Dentro desses galpões a vida era dura. Não existiam intervalos, nem momentos de interação entre os trabalhadores, embora existisse ali, cantinas e pátios, locais que teoricamente deveria servir para o entretenimento e socialização dos trabalhadores. Mesmo assim, através de relatos de moradores antigos, é possível perceber que não faltava àquele povo alegria e disposição, mesmo com todas as dificuldades de trabalho.

A mulher charuteira, de acordo com Santana (1999), teve um papel importantíssimo na sociedade das cidades fumageiras. Além do trabalho árduo nos armazéns, elas eram responsáveis pela “fabricação doméstica”. Essa disposição para trabalhar em casa, junto com a família, tinha finalidade de aumentar a renda. Em suas próprias casas muitas cultivavam e transformavam o fumo em charuto para vender ao comércio local clandestinamente e aos mascates. Para os olhos da sociedade elas eram vistas como a “elite operária”. Mas, além de manter a família, o

que elas almejavam era também ter capacidade aquisitiva, comprar alguns artigos, como calçados e calças nas mãos dos mascastes. Estes ficavam estrategicamente localizados em frente aos armazéns e vendiam a prazo, mantendo uma relação muito próxima as mulheres operárias.

Os fluxos de movimento de Conceição do Almeida durante o período de estudo, possuía uma dimensão considerável, principalmente decorrente dos armazéns de fumo, que através do emprego de mão-de-obra contribuíram para paisagem urbana daquela época e para o desenvolvimento do comércio local e da atração de novos moradores para a cidade a procura de emprego. Segundo Caldas (1974), a cidade possuía mais de mil operários, o que é relevante se pensarmos em uma cidade onde mais da metade da população residia na zona rural (ver Tabela 1). Não foi possível elaborar os dados dos anos de 1960, pois o IBGE não contemplou essa variável em questão. Contida em uma última análise pode-se ainda constatar o início do êxodo rural dos trabalhadores que em busca de novas oportunidades de emprego, migraram do campo para a cidade. Ao visualizarmos a Tabela 1 percebemos que a população urbana quase que triplicou, enquanto que a população total do município diminuiu 14%.

Tabela 1- População por tipo de domicílio

População	Urbana	Rural	Total
1950	2.539	22.868	25.407
1970	6.368	15.486	21.854

Fonte: Elaboração própria com base no IBGE (1950, 1970)

Durante o horário de saída do trabalho, os operários transformavam a cidade em uma “panela borbulhante” de gente. Em entrevista com a moradora Dona Marta, consta o seguinte relato de um dia de grande movimento na cidade, a partir do qual, pode-se perceber que a cidade é o palco das emoções do povo.

“No dia em que Getúlio (Vargas, então presidente do Brasil) morreu, foi assim, perto de meio dia, que esses armazéns soltou (os operários), a rua era de gente assim... gente chorando, gente gritando, ele era uma pessoa muita bem querida, muito boa pra todos...Ajudou muito a pobreza.”

Sendo assim, diante do exposto podemos concluir que os “armazéns de fumo”, foram muito mais do que indutores da configuração e paisagem urbana.

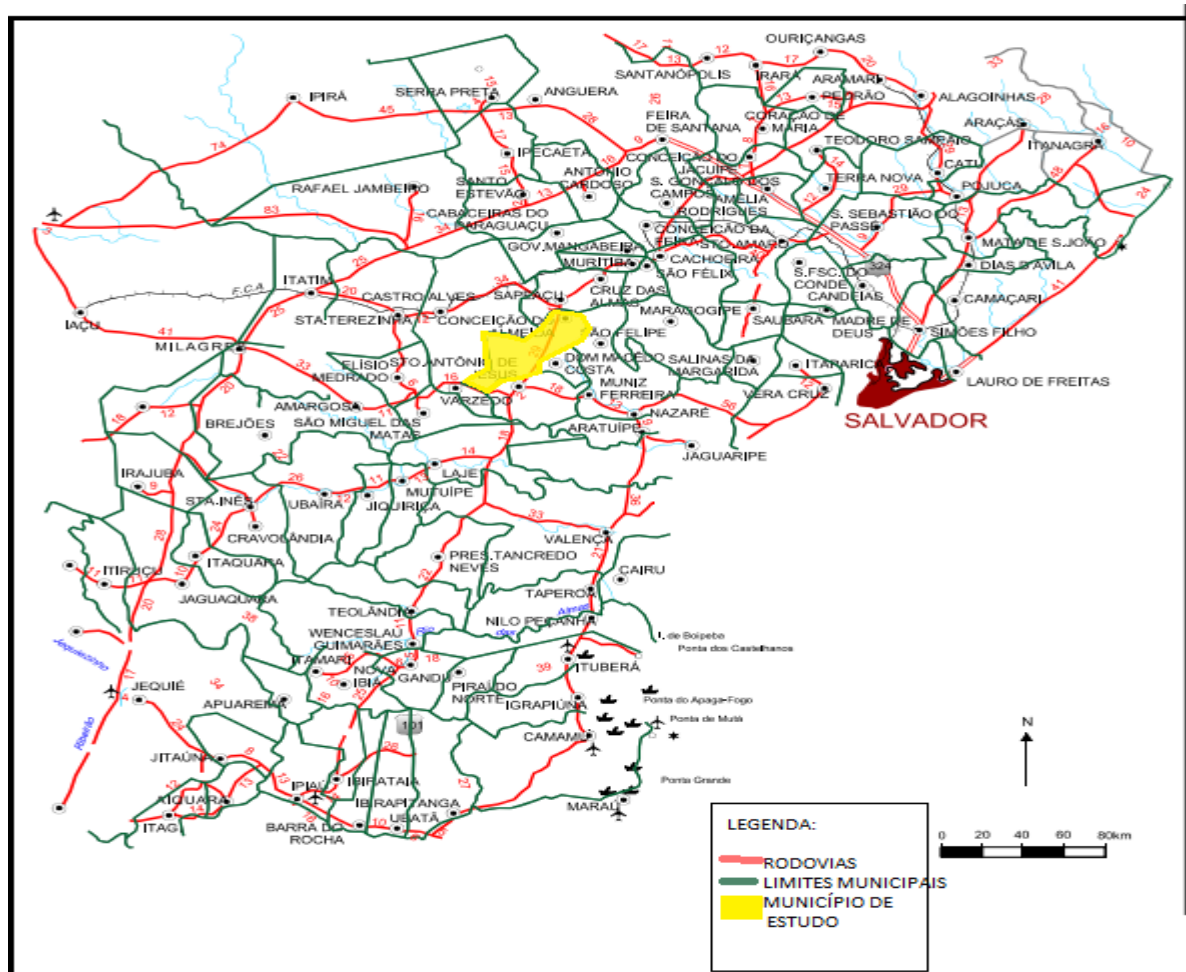
Contribuíram também para as relações sociais, ao modificar a divisão do trabalho propiciando aos operários a esperança de uma vida melhor; aos comerciantes, a ampliação da demanda e conseqüentemente, aumento de suas vendas; e a população em geral gerou a expectativa de uma cidade movimentada.

Outra influência foi o êxodo rural daqueles trabalhadores rurais que, sem possibilidade de emprego no campo, almejavam na cidade um trabalho com “carteira assinada”. Assim como, quando entrou em processo de decadência, e conseqüentemente, a redução da oferta de emprego influenciou na migração da população sem perspectivas para outras cidades, capital ou até outros estados.

3 REDE DE CIDADES

Existem muitos conceitos que definem uma rede de cidades, mas de uma forma geral e simplória, Bonfim (2007) entende que ela caracteriza-se por um aglomerado urbano composto por várias cidades ligadas entre si, seja por questões históricas geográficas e econômicas através de ligações de transporte ou comunicação. Tomando por exemplo a Figura 4, o sistema rodoviário do Recôncavo, na qual é possível analisar os fixos (as sedes das cidades) e fluxos (o percurso das rodovias) estando ainda subordinadas àquelas de maior influência, em muitos casos apenas uma cidade é considerada como maior pólo.

Figura 4 – Sistema rodoviário do Recôncavo



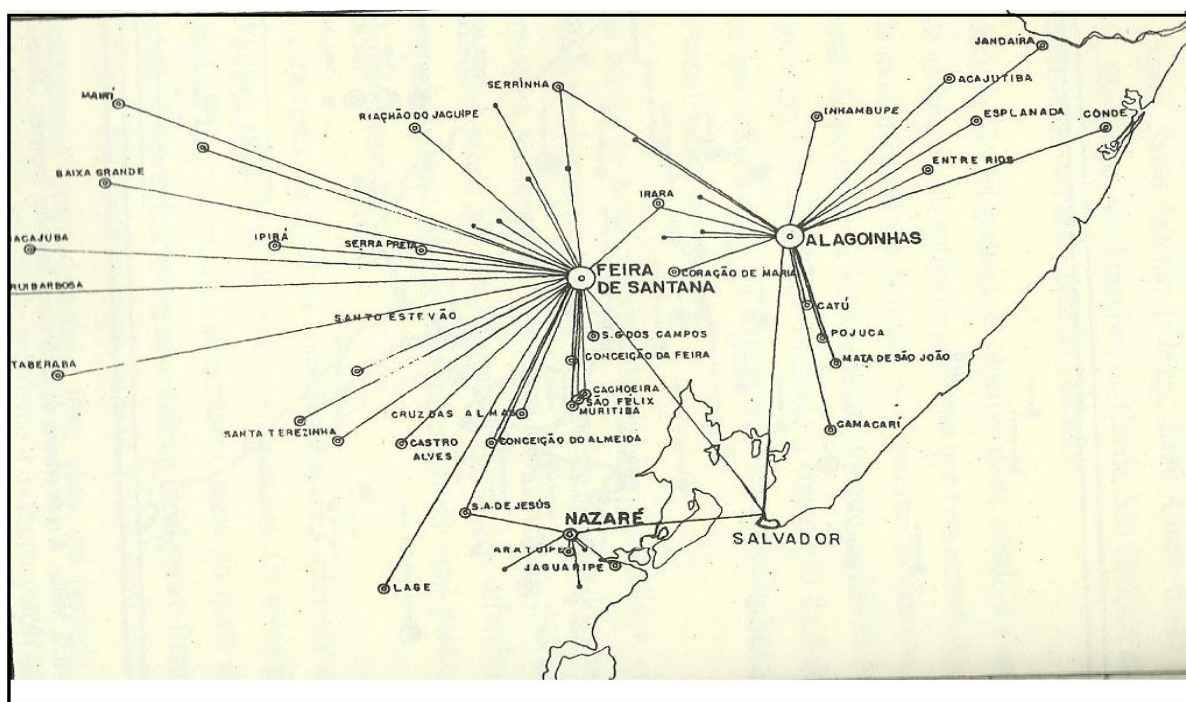
Fonte: BONFIM, 2007 .

3.1 Rede urbana do Recôncavo baiano: algumas considerações

A compreensão dos fatores que condicionaram a dinâmica da cidade de Conceição do Almeida nas décadas de 1950 a 1970 não é possível ser analisada de forma isolada. É necessária a contextualização com a realidade dos processos pelos quais passaram as cidades vizinhas, e como se davam a relação entre elas, por isso a importância de reservar um espaço para algumas considerações a cerca da rede urbana do recôncavo baiano.

A rede urbana é entendida por Brandão (1998) como um conjunto de cidades, no território de cada país, Estado, região, conectadas umas às outras por meio dos sistemas de transportes e de comunicações, os quais produzem grandes movimentos de pessoas (fluxos migratórios), mercadorias (fluxos comerciais e monetários), informações (fluxos de tecnologia e informação). Dentro dessa rede está o conceito de hierarquia urbana que é a escala de dependência entre as cidades, que ocorrem quando as pequenas cidades se subordinam as cidades médias, e estas cidades médias, se subordinam às cidades grandes.

Figura 5 – Rede urbana do Recôncavo baiano



Fonte: Milton Santos, 1959.

O Recôncavo é a rede urbana (ver Figura 5) mais antiga do país e já vinha

sofrendo modificações em sua estrutura e funcionamento. Segundo Santos (1959) essa terminologia sempre foi mais um conceito histórico que fisiográfico devido a variedade de usos do solo desse território dividido em cinco: zona fumageira, zona do açúcar, cidades do Recôncavo sul (mandioqueiro, ceramista, e fruticultor), cidades-dormitório do Recôncavo Norte e cidades marginais, que não estavam inseridas em nenhuma das atividades homogêneas. Sendo Salvador sempre como a cidade no nível hierárquico mais alto e cuja influência refletia em todas outras, algumas com maior intensidade e outras com menor.

A “zona fumageira” é a área de interesse nesse estudo, que Santos (1959) afirma, no século XX a população quase triplicou aumentando também a necessidade por abastecimento. Essa divisão por zonas serve para legitimar as posições hierárquicas, uma vez que, só é possível chegar a valores reais quando compunham atividades econômicas homogêneas. Nesse sentido, a interiorização das culturas foi um fato presente que culminou numa nova arrumação espacial, pois ao se especializar em uma cultura comercial o espaço recebeu fortes influências exteriores que contribuiu para a redução do isolamento e acessibilidade à bens e serviços. A “zona do fumo” é ainda considerada pelo autor uma velha economia agrícola e antiga urbanização. Nessas cidades, no período em estudo não houve muitas mudanças na economia, o que mudou foi o tipo de transporte que culminou numa reorganização espacial especializada.

Focalizar o estudo da rede urbana do recôncavo baiano nos anos de 1940 é muito mais que uma questão de comodidade estatística, mas sim, foi o início de uma “fase de grandes mudanças na hierarquia regional”, esta, porém exige uma análise mais apurada devido a complexidade de vários fatores externos como: a superposição de uma rede de estradas de rodagem aos antigos caminhos e ferrovias; contemplação de uma verdadeira rede de estrada de ferro; agravamento da decadência das lavouras de fumo e cana-de-açúcar; o crescimento da cidade do Salvador e o aumento do padrão de vida e da necessidade de abastecimento.

Contudo, nos anos de 1930 com o advento das construções de rodovias e a difusão de caminhões fez com que cidades consideradas como “empórios”, por exemplo, de Cachoeira e Nazaré por estar na rota de cargas, e conseqüentemente, de paradas fossem perdendo o espaço. Novas cidades que desempenhariam o papel de entreposto comercial como foi o caso de Feira de Santana. Fez com que a comunicação com a capital mudasse de cenário, deixando de ser sobre as águas

para ser por terra.

Do ponto de vista de Costa Pinto (1958, p. 104) o recôncavo enquanto área social denominada pelo autor de área sóciográfica, era menor que a região fisiográfica, porém bem maior que a supervalorizada “zona açucareira” que a maioria dos estudos sobre o recôncavo focavam

Em verdade, as fronteiras sociológicas do recôncavo não se representam por linhas, mas sim por faixas, faixas de transição, nas quais os seus característicos geográficos, econômicos e sociais mesclam-se com traços típicos de outras áreas adjacentes, que tendem a predominar na medida em que nos afastamos das margens da baía para as matas do Sul, para as catingas do Sudoeste ou do Nordeste, para as praias do litoral-Norte.

O autor observou ainda, que naquele período recôncavo estava inserido no novo sistema econômico: a revolução industrial regional, como as indústrias de charuto, que repercutiram em novos tipos de relações sociais, institucionais e valores que não foram apenas importados da capital Salvador, mas principalmente, que vinham “de dentro do recôncavo, das fábricas de charutos localizadas na pequena cidade do interior”. (PINTO, 1958, p. 134).

3.2 Das trilhas de terra e trilhos de ferro às estradas de rodagem

As estradas são as representações físicas da necessidade do homem em interagir com o mundo externo, tanto no que se refere à comunicação como no fornecimento de produtos para o consumo interno e externo.

Antes dos moldais como conhecemos (férreo, rodoviário) todo trajeto era feito em estradas de terra por animais ou carroças, seja para levar mercadorias, ou até mesmo notícias. Onde hoje estão construídas rodovias, muito provavelmente, foram em outros tempos, estradas de chão que faziam a ligação entre vilas, cidades, povoados próximos ou longínquos, cujo traçado foi preservado. Essas estradas contribuíram para a formação da paisagem urbana. Como observava Santos (1959, p. 74) “os caminhos de tropas e para carros de bois constituíram já uma incipiente

organização do espaço, que, entretanto, contribuía para o fortalecimento de alguns núcleos”.

Os tropeiros exerceram um papel importantíssimo nos traçados desses modais e na configuração urbana, pois conforme Santana (1999), quando não havia nenhum meio de transporte eles exerciam esse papel. Seus veículos eram os animais, que levavam todo tipo de carga, notícias e desenvolvimento para o comércio local, visto que, necessitavam de “paradas de apoio” para alimentação própria e dos animais, além de banho e descanso. Dessa maneira, surgiram muitas cidades como entrepostos comerciais e fizeram tantas outras crescerem.

Segundo Corrêa (2002), a cidade mantém uma série de ligações com o mundo exterior, e com os avanços tecnológicos proporcionados pelas Revoluções Industriais, o modal férreo ganhou notoriedade devido a sua capacidade de fazer essas ligações e conseqüentemente contribuir para o desenvolvimento do núcleo urbano. Na segunda metade do século XIX, o modal férreo tornou-se o mais importante meio de transporte inter-regional. Nesse cenário, foram criadas pelo capital privado muitas empresas e ramais que não estavam, necessariamente ligadas entre si.

As vias férreas foram importantes não só pela integração que permitiam, mas também contribuía para o desenvolvimento do núcleo urbano fazendo nascer e morrer muitas cidades. Esse modal surgiu com a finalidade de transportar um contingente maior de cargas e pessoas percorrendo trajetos médio e longo, ou ao menos contornar as limitações geográficas que também limitavam questões sociais e econômicas.

Em 1958, Santana (1999, p. 31) afirma que o Governo do Estado da Bahia, deslumbrou integrar o sistema ferroviário federal ao sistema a Estrada de Ferro de Nazaré através de dois trechos: um que ligava Jequié (Estrada de Ferro de Nazaré) a Ubaitada (Estrada de Ferro de Ilhéus), e o outro entre a cidade de Santo Antônio de Jesus e Cruz das Almas fazendo a união da Viação Férrea Federal Leste Brasileiro - VFFFLB. Esta linha teria um acesso a capital através de São Félix em direção a Castro Alves e Santa Terezinha. “Este prolongamento beneficiaria Conceição do Almeida e a própria Cruz das Almas, percurso escolhido por atravessar uma zona de ‘maior expressividade econômica’ se comparado com outras alternativas anteriormente aventadas para integração”.

Essas estradas representavam vantagens para muitos atores sociais como os fazendeiros que produziam cana-de-açúcar, café e fumo, que incentivavam a passagem dos trens por suas terras vislumbrando a valorização das mesmas, assim como, comerciantes que buscavam a atração para suas cidades a fim de aumentar suas vendas. Era importante também, para a dinâmica social e econômica dos locais onde passavam, devido ao intenso fluxo de pessoas que movimentavam a dinâmica da cidade, seja dos ambulantes, das pousadas ou simplesmente da população que interagiu.

No caso de Conceição do Almeida, por volta de 1960 a VFFFLB criou uma linha que ligaria Cruz das Almas (passando pela cidade em estudo) a Santo Antônio de Jesus para integrá-la à Estrada de Ferro de Nazaré. Porém, a construção desta nunca foi concluída. O ramal que possuía onze quilômetros e ligava Conceição do Almeida à Cruz das Almas fez algumas viagens de passageiros até por volta de 1963 quando foi extinta definitivamente como relata GIESBRECHT (2008)

O ramal de Conceição do Almeida foi uma linha aberta no final dos anos 1950 e que serviria para unir as linhas Sul (Salvador-Monte Azul) e da E. F. Nazaré, esta isolada mais ao sul do Recôncavo. Por algum motivo ainda não determinado, a linha nunca foi concluída, ou seja, jamais alcançou a cidade de Santo Antônio de Jesus, na Nazaré, mas mesmo assim sabe-se que pelo menos entre os anos de 1960 e de 1963 um trem de passageiros chegou a circular entre Cruz das Almas e Conceição de Almeida, trecho pronto de linha então. Logo depois, o trem acabou e a linha foi erradicada.

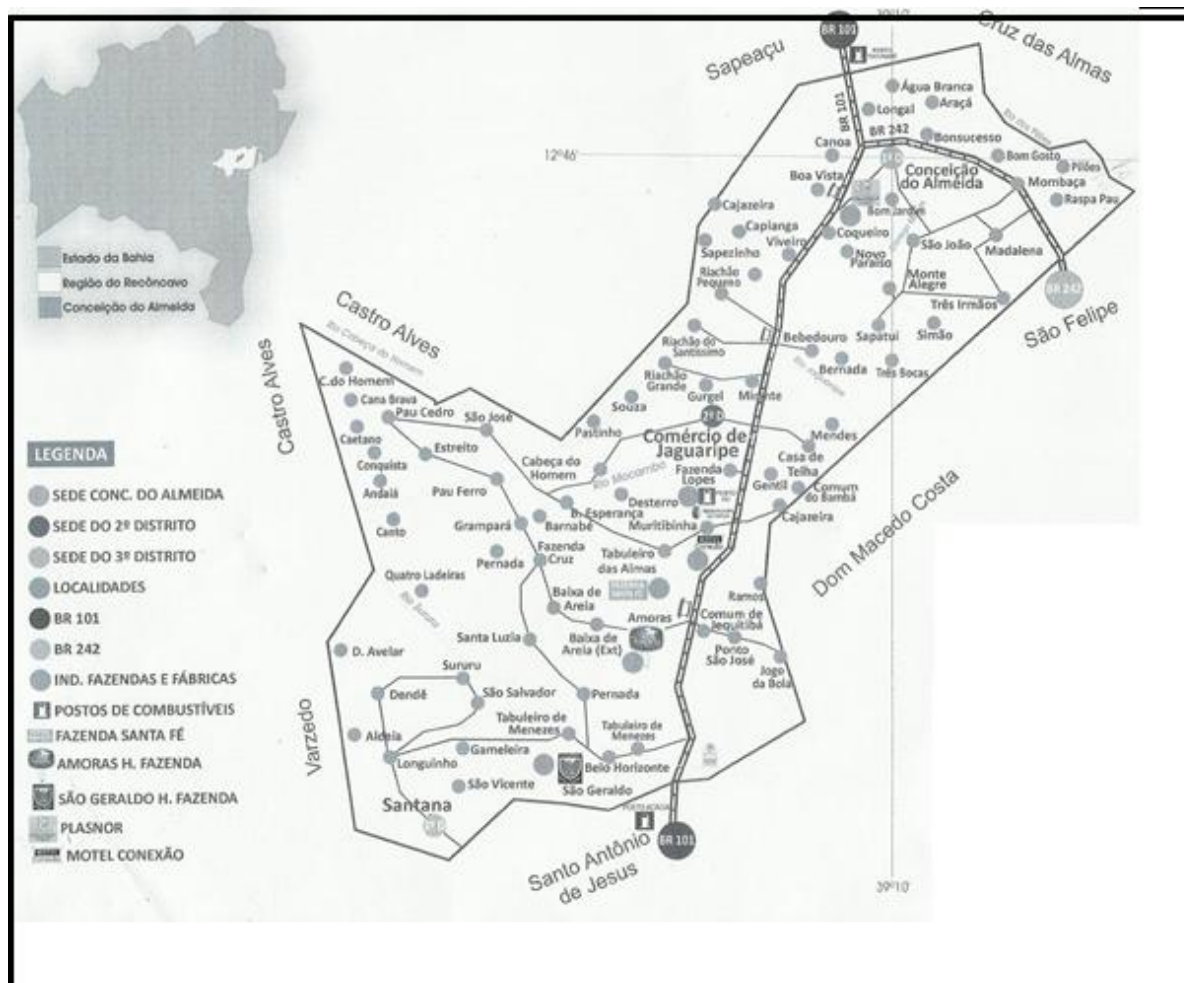
Segundo Giesbrecht (2008), que se debruçou a estudar as estações ferroviárias do Brasil, devido a falta de documentação não é possível saber ao certo o motivo pelo qual a estrada de ferro foi desativada, muito embora fizesse a ligação entre dois pontos importantes: a capital Salvador e Nazaré, inclusive, naquela época, segundo a enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1958, p. 206) estava “em fase adiantada a construção de um ramal ferroviário que ligará, na cidade de Santo Antônio de Jesus, a VFFFLB à E. F. de Nazaré”. Entre 1960 a 1963 constava no Guia Levi, responsável pelos horários dos trens, a existência dessa linha, porém, em 1965 não mais fazia mais parte, provavelmente tenha sido reflexo da desativação da Estrada de Ferro de Nazaré que parou definitivamente em 1970.

O declínio desse modal se ocorreu segundo Neto (2010, p.36), devido ao desgaste natural dos trilhos e trens, a perda salarial dos funcionários, baixando a qualidade e a confiabilidade desse modal que aos poucos foi perdendo a preferência em transportar grandes cargas. Outra observação diz respeito a promoção da “formação de pequenas ilhas isoladas, na qual as estações consolidam ilhas de ocupação urbana”, isso devido a uma característica espacial da necessidade em ter grandes distâncias para que tanto a carga quanto o transporte tenham um custo menor. Durante a segunda metade do século XIX surgiram as primeiras rodovias, porém foi na segunda metade do Século XX, de acordo com o autor, devido a conjuntura histórica daquele período houve uma intensificação da construção de estradas de rodagem que objetivavam escoar a produção, aliado a falta de investimento no modal férreo, e ao incentivo de Juscelino Kubitschek através do Plano de Metas quando uma estrada de ferro não pudesse ser recuperada deveria ser substituída pelo modal rodoviário. Na Bahia esse incremento se deu nos anos de 1950 quando houve a descoberta do petróleo e posteriormente a criação da Petrobrás em 1956 no estado.

No mesmo período do declínio da ferrovia, houve incentivos Federais à construção de estradas de rodagem como a BR-101 que corta o próprio Município de Conceição do Almeida. Neto (2012, p. 30) evidencia que “na década de 60, iniciam os trabalhos da BR-101, deixando as estradas vicinais menos isoladas e sobre-carregadas, ainda assim grande parte dos produtos eram vindos do porto através da ferrovia”. A infraestrutura precária, e as condições climáticas, como por exemplo, as chuvas que impossibilitavam o transporte de cargas nas ferrovias, foram fatores que fortaleceram o crescimento do modal de rodagem assim como, o uso dos automóveis e de caminhões que conseguiam além de transportar mercadorias entregá-las onde o alcance ferroviário não atendia.

A cidade de Conceição do Almeida é cortada pela BR -101 (ver Figura 6) que a liga a outras cidades vizinhas, como Santo Antônio de Jesus (27 Km), Cruz das Almas (14 Km) e ainda à capital Salvador (160 Km). No período de sua construção segundo relatos havia o interesse de que cortasse o núcleo urbano, porém ao final ficou com o desenho atual. Outra rodovia é a BR – 242 que liga a cidade à São Felipe.

Figura 6 – Malha rodoviária de Conceição do Almeida



Fonte: Hugo Filho, 2012

Dessa forma, ainda que em um primeiro momento possa se pensar que os trilhos de ferro em nada contribuíram para a dinâmica da cidade esse é um equívoco. Pois, embora tenha feito poucas viagens e geralmente não é um assunto lembrado quando se fala da história da cidade, há que pensar nas expectativas que trouxe à população local, assim como, o desenvolvimento econômico foi, naquele momento, exposto como um atrator dessa linha. Pode-se analisar o processo de substituição modal na cidade, a inserção de uma rodovia federal que deveria trazer prosperidade não o fez.

3.3 Conceição do Almeida no cenário do Recôncavo Sul

Segundo definição de Costa Pinto (1958, p. 103) “chama-se de Recôncavo a região que circunda a Bahia de Todos os Santos, formando o grande anfiteatro no qual, há mais de quatrocentos anos, se vem desenrolando um dos mais antigos capítulos da colonização do Brasil, que ali teve seu começo e que exatamente ali tem, hoje, uma das perspectivas mais promissoras do se futuro”.

A Superintendência de estudos sociais e econômicos da Bahia – SEI dividiu o Estado da Bahia em Territórios de Identidades, nesse caso o Recôncavo Sul (ver Figura 7), como o nome já pressupõe, são cidades que além de apresentarem uma aproximação física também dividem o contexto histórico e econômico no qual estão situadas.

Figura 7 – Território de Identidade Recôncavo Sul



Fonte SEI,2010.

Conceição do Almeida está inserida junto a mais dezenove cidades no Recôncavo Sul que é composto pelos municípios de Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macêdo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, São Francisco do

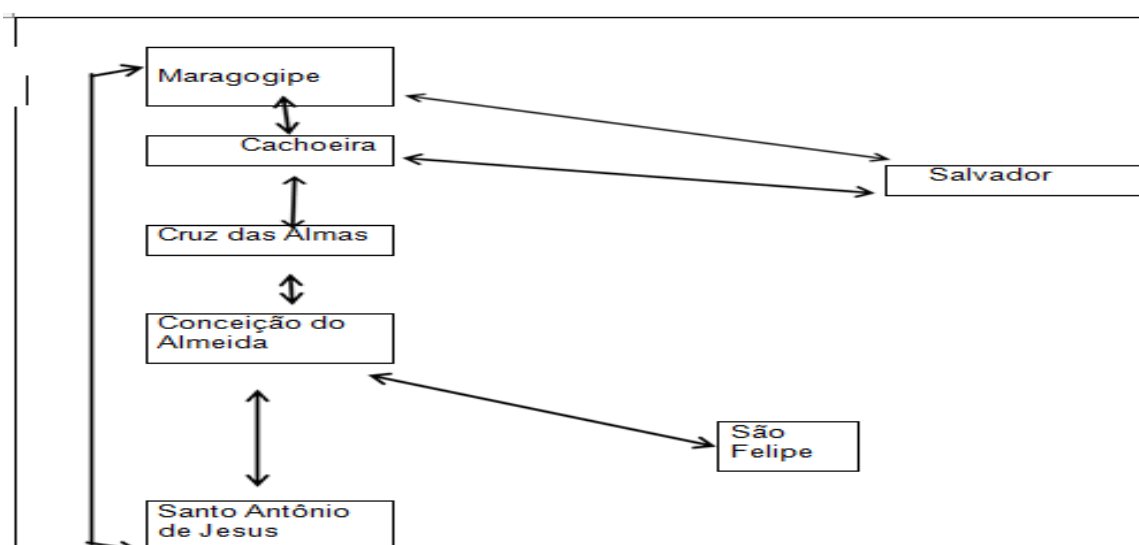
Conde, São Sebastião do Passé, Sapeaçu, Saubara e Varzedo. Já Milton Santos (1959) em seus estudos sobre o Recôncavo da Bahia fez um recorte mais amplo com vinte e seis cidades incluindo Salvador.

Porém, para o caso estudado enfatizou-se as cidades que seja por motivos geográficos, históricos, ou econômicos mantiveram uma relação direta com Conceição do Almeida.

No passado a hierarquia urbana no interior dava-se pela Vila surgida às margens da Baía, como foi em Santo Amaro, Maragogipe e Cachoeira, sendo essas duas últimas influenciaram diretamente em Conceição do Almeida devido a proximidade. Dessa forma, Caldas (1974) afirma que essas Vilas dominavam a maior parte do Território dos municípios do recôncavo. Inclusive, Conceição do Almeida que pertenceu às terras de São Bartolomeu de Maragogipe e a Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira eram ambas jurisdição real e foram aos poucos desenvolvendo povoados em seus territórios. Dessa forma, surgiu a Freguesia de São Felipe, mais tarde desmembraria para situação atual.

A partir dos conhecimentos adquiridos acerca da rede urbana no recôncavo e do grau de centralidade das cidades definida por Milton Santos (1959), foi esboçado (ver Figura 8) como as cidades em questão relacionavam-se com Conceição do Almeida no início do período de estudo.

Figura 8 - Esboço das relações de Conceição do Almeida e demais cidades



Fonte: Elaboração própria com base nos estudos de SANTOS (1959)

Os laços que unem São Felipe a Conceição do Almeida são de caráter histórico e econômico, visto que, em outros tempos o primeiro era responsável pelo segundo. Contudo, após esta elevar-se à categoria de Vila de Nossa Senhora de Conceição do Almeida, e em seguida, após dezoito anos, se desmembrou de São Felipe. Apesar disso, mesmo depois dessa separação este ainda era responsável pela compra do café produzido na localidade rural da Mombaça e posterior venda à São Paulo e por fim destinando à exportação.

A relação de interdependência comercial existente entre as cidades de Santo Antônio de Jesus e Conceição do Almeida foi analisada por Santos (1959). Como a primeira possuía uma feira livre ampla e mercado consumidor, era abastecida com produtos agrícolas como mandioca e amendoim, pela segunda que a partir de 1945 houve uma mudança, como podemos constatar através da análise do autor:

obteve um grande desenvolvimento, graças ao colapso da Estrada de Ferro de Nazaré, que então já se anunciava, fazendo surtir os primeiros efeitos. Grande parte do fumo produzido município de Santo Antônio de Jesus aproveitou-se da existência de uma rodovia ligando a zona produtora à cidade vizinha de Conceição do Almeida e nesta passou a se fazer a comercialização. (SANTOS, 1959, p.91)

Enquanto que no primeiro momento Conceição do Almeida dependia de Santo Antônio de Jesus, em segundo momento houve uma inversão dessa relação, pois essa situação fez com que aumentasse a influência do núcleo da primeira, enquanto a segunda perdia a importância no mercado do fumo.

A relação entre Cruz das Almas e Conceição do Almeida tiveram duas vertentes, as relações econômicas da comercialização do fumo, e ainda a dependência da segunda em detrimento da primeira no quesito educação. Visto que, só havia o ensino fundamental (como é conhecido hoje), logo, aqueles jovens que desejassem prosseguir nos estudos que ou fossem apenas “se formar” , ou ainda adentrar o nível superior na Faculdade de Agronomia da Universidade Federal da Bahia - Ufba.

Dessa maneira, podemos concluir a partir do pensamento de Caldas (1974) a importância de se criar laços entre as cidades vizinhas Geraldo Caldas conclui que,

“[...] fazer um encadeamento dos nossos municípios vizinhos e amigos e outros também irmãos de uma mesma terra para que pudéssemos acompanhar mais de perto a evolução da transformação de uma região, estabelecendo vínculos de ligação entre eles, forças vivas da zona do Recôncavo Baiano, permitindo a quem nos assiste entender, que essas pequenas comunidades ocupam, no seu conjunto, um lugar de destaque na metrópole. Como Município somos pouco - como região temos o que apresentar, possuímos uma estrutura de base para garantir um desenvolvimento maior que o futuro possa oferecer. Temos características próprias e vivemos na terra com a qual temos traço de ligação [...]” (CALDAS, 1973, p. 38)

Pode-se ainda, apreciar nas palavras de Geraldo Coni o sentimento de pertencimento e a exaltação à terra natal, mas, reconhecendo humildemente a importância daquelas outras cidades para que juntas pudessem emergir num cenário de maior representatividade sem que perdessem o que tinham de maior valor: as características próprias já apontadas aqui por outros autores.

Percebemos que existem muitos fatores que influenciam na dinâmica de uma cidade, como: os econômicos, espaciais, sociais, culturais, históricos, demográficos e geográficos. Contudo, não são apenas esses fatores internos que influenciam as transformações, faz-se necessário inserir a cidade em um cenário mais amplo, onde exista a interação com outras e com fatores de maior grandeza. Como por exemplo, o sistema viário, seja ele qual for, tem como principal objetivo diminuir as distâncias. Os modais de transporte tem a finalidade de fazer o deslocamento de cargas, pessoas, e há algumas décadas também de circular as notícias, hoje já não se faz necessário.

Contextualizar Conceição do Almeida em uma rede de cidades, é importante para compreender que determinadas mudanças na dinâmica interna, se analisássemos apenas os fatores de “dentro para fora”, por si só não responderiam certas questões. Entretanto, inseridos em um contexto regional, ganham sentido e notoriedade, como exemplo, o decréscimo da economia e da população que foram induzidos pelas crises que ocorreram na Rede Urbana a qual estava inserida. Por isso, a necessidade de contextualizá-la com os processos pelos quais passaram as cidades vizinhas, e como ocorriam as relações entre elas.

5 CONCLUSÃO

Conforme a pesquisa elaborada, com levantamento de dados podemos perceber que Conceição do Almeida foi uma cidade que detinha importância econômica no cenário regional, devido ao significativo destaque para produção agrícola. No entanto, não se pode negar, que apesar desse desenvolvimento econômico, as condições sociais dos trabalhadores eram precárias tanto no campo com os agricultores submissos, quanto na cidade com os operários (maioria mulheres) submissos aos patrões. Não podemos deixar de ressaltar os traços culturais e como essas relações repercutiam na malha urbana da cidade. Sendo assim, compreende-se que apesar da economia ter crescido e colocado a cidade em uma posição de destaque, as condições de trabalho dos agricultores ainda que fossem autônomos, era rudimentar e a pobreza uma realidade constante.

A paisagem urbana teve como principal indutor os armazéns de fumo, que distribuíram-se pelo tecido urbano, quando não no mesmo quarteirão estavam muito próximos para facilitar as relações comerciais de compra e venda do fumo.

Por fim, foi possível constatar a importância de Conceição do Almeida na construção da história do Recôncavo Sul, assim como do desenvolvimento econômico do mesmo e da Bahia.

A realização desse estudo apenas fez sentido quando se pensou a cidade não como “morta”, sem dinâmica, mas como uma fotografia histórica através da valorização e do período em que teve dias de glória.

Esse estudo não satura o tema ou tantos outros que possam ser realizados na mesma cidade, pelo contrario. É necessário que haja novas pesquisas, como por exemplo, a relação entre o crescimento demográfico e a disposição de políticas públicas, ou ainda, o estudo a respeito do decréscimo populacional das últimas décadas. Essas são algumas possíveis abordagens possibilidades dentre tantas outras que possam abarcar tanto o tema da dinâmica urbana, quanto o objeto de estudo, a cidade de Conceição do Almeida.

FONTES ELETRÔNICAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e estatística - Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional. Parte XII – Bahia. Tomo 1. **Censo Demográfico 1940:** População e Habitação. Rio de Janeiro, 1950. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%2020RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940_pt_XII_t1_BA.pdf, acesso 26/01/2012. Acessado em: 08/06/2012

_____. Série Regional. Vol. XX. Tomo 1. Estado da Bahia. **Censo Demográfico 1950**. Rio de Janeiro, 1955. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1950/CD_1950_XX_t1_BA.pdf. Acessado em: 08/06/2012

_____. VII Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional. Vol. I. Tomo VIII. Bahia. **Censo Demográfico de 1960**. Departamento de Estatísticas de População. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1960/CD_1960_BA.pdf. Acessado em: 08/06/2012

_____. Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional. Vol. I. Tomo VIII. no 13. Bahia. **Censo Demográfico de 1970**. Departamento de Estatísticas de População. 1983. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1970/CD_1970_BA.pdf. Acessado em: 08/06/2012

_____. Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional. Vol. I. Tomo VIII. no 13. Bahia. **Censo Demográfico de 1980**. Departamento de Estatísticas de População. 1983. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1980/CD_1980_Dados_Distritais_BA.pdf. Acessado em: 08/06/2012

_____. Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional. Vol. I. Tomo VIII. no 13. Bahia. **Censo Demográfico de 1991**. Departamento de Estatísticas de População. 1991. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1991/CD_1991_caracteristicas_populacao_domicilios_BA.pdf. Acessado em: 08/06/2012

_____. **Censo Demográfico de 2000 – Características gerais da população** . Departamento de Estatísticas de População. 2000. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD2000/CD_2000_Caracteristicas%20gerais%20da%20populacao_resultados%20da%20amostra.pdf. Acessado em: 08/06/2012

_____. **Censo Demográfico de 2000 – Características gerais da população** . Departamento de Estatísticas de População. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acessado em :08/09/2012.

FONTES ORAIS

Marta Almeida, 80 anos, aposentada: morou a infância na zona rural em seguida morou na sede onde era dona de casa.

Maria Santiago Reis, aposentada: morou a infância na zona rural, e a partir da adolescência passou a residir na sede onde desempenhava o ofício de professora.

Edivardo Santos Reis, aposentado: casado com Maria Santiago, sempre morou na sede quando trabalhou como taxista.

Pedro Maia Melo, 62 anos, comerciante, residente na cidade há mais de 40 anos: na infância morava na zona rural e trabalhava na pequena lavoura com os pais e os irmãos, ao final das colheitas ia vender na Feira Municipal de Santo Antônio de Jesus.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. B. **A espacialização da rede urbana no Recôncavo Baiano setecentista à luz da cartografia histórica.** Artigo apresentado no III Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica. Ouro Preto, 2009.PDF

ARAÚJO, Nélon. **Pequenos mundos: um panorama da cultura popular da Bahia. Tomo I- Recôncavo.** Fundação Jorge Amado - UFBA, 1986.

BAHIA. Secretaria da Indústria e Comércio. **IPAC-Ba. Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia: monumentos e sítios do recôncavo.** Salvador, v. 3. pt. II, 1975.

BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). **Recôncavo da Bahia; sociedade e economia em transição.** Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.

BRITO, Cristóvão de Cássio da Trindade. **A Petrobrás e a gestão do território no Recôncavo Baiano.** Salvador, BA: EDUFBA, 2008

BOMFIM, Márcia Virgínia Pinto. **A rede urbana do recôncavo baiano e seu funcionamento técnico.** Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2006.

CALDAS, Geraldo Coni. **Conceição do Almeida: memória, minha terra, minha gente.** Salvador: Mensageiro da Fé, 1974.

CASSILHA, Gilda A; CASSILHA, Simone A. **Planejamento urbano e meio ambiente.** Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A Rede Urbana.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2002

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** São Paulo: Ática, 1994

COSTA, Ana de Lourdes Ribeiro da. **A igreja católica e a configuração do espaços físicos dos núcleos urbanos coloniais brasileiros.** Atlas Históricos de Cidades. Salvador: Cadernos PPGA-AU/UFBA, 2007.

COSTA PINTO, Luis de Aguiar. **Recôncavo: Laboratório de uma experiência humana.** In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). Recôncavo da Bahia; sociedade e economia em transição. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998. Texto original de 1958.

FILHO, Hugo Mascarenhas. **Perfil da Cidade de Conceição do Almeida.** IV Feira de artes. Conceição do Almeida: Projeto Arte na Praça, 1994.

GARCIA-PARPET, Marie-france. Representações científicas e práticas mercantis camponesas. **Raízes**, Campina Grande, v. 21, n. 2, p.196-211, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo_21.pdf>. Acesso em: 10 out. 2012

GIESBRECHT, Ralph Mennucci (2008). **Conceição do Almeida Município**

Conceição do Almeida, BA. Disponível em: <

http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_monte%20azul/conceicaodoalmeida.htm.

Acesso: 04/06/2012

GIESBRECHT, Ralph Mennucci (2008). **Cruz das Almas (Engenheiro Eurico**

Macedo) município de Cruz das Almas, BA. Estações Ferroviárias do Brasil (2008)

Disponível em:

<http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_monte%20azul/cruzalmas.htm>. Acesso

em: 04/06/2012.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Pasta do Município –**

Conceição do Almeida. Unidade Estadual da Bahia. Salvador. 1994.

Mapa do Recôncavo Baiano, Bahia, Brasil. Disponível

em:<http://4.bp.blogspot.com/_0n9BrDDpWug/TNhqXkmCYul/AAAAAAAAACA0/hzlyKzoYibk/s1600/Reconcavo.gif>. Acessado em: 14/10/2012

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam C. S.. **Feira livre: territorialidade**

popular e cultura na metrópole contemporânea. Ateliê Geográfico, Goiânia- Go,

v. 2, n. 4, p.72-87, ago. 2008.

NETO, José Abdon Torres. **O papel do transporte ferroviário e rodoviário na**

evolução espacial de alagoinhas. Monografia (Graduação) – Departamento de

Ciências Exatas e da Terra. Faculdade de Urbanismo. Salvador. Universidade do

Estado da Bahia, 2010.

Recôncavo Baiano . Disponível em:

<<http://macribial.blogspot.com.br/search?q=rec%C3%B4ncavo+baiano&q.x=0&q.y=0>

>. Acesso em 14/ 10/2012.

SANTANA, Charles D' Almeida. **Dimensão histórico- cultural: Recôncavo Sul.**

Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável. Salvador: Companhia de

Desenvolvimento e Ação Regional- CAR, 1999.

SANTOS, Milton. **A rede urbana do Recôncavo.** In: BRANDÃO, Maria de Azevedo

(org.). Recôncavo da Bahia; sociedade e economia em transição. Salvador:

Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade

Federal da Bahia, 1998, p. 59-100. Texto original de 1959.

SEI, Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Estatística dos**

municípios baianos. v. 13. Salvador: SEI, 2010.

_____. **Enciclopédia dos municípios baianos.** Vol. XX. P. 177- 180. Bahia. 1956.

SOUZA, Guaraci Adeodato Alves de; GUIMARAES, Iracema Brandao. **A população**

do Recôncavo baiano. Salvador. BA.: UFBA, 1976.

SOUZA, Luiz Ademir. **Mombaça.** Salvador. Mensageiro da Fé,1973.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. **O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo**. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

URBIS. **Histórico: A habitação e urbanização da bahia s.a- urbis**. Disponível em: <http://www.urbis.ba.gov.br/>. Acessado: 03/09/2012